

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO
COORDENAÇÃO DE ARQUITETURA E URBANISMO
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

ISABELLA GASPAR SOUSA

ARQUITETURA MODERNA EM SÃO LUÍS: Rupturas e continuidades

São Luís

2008

ISABELLA GASPAR SOUSA

ARQUITETURA MODERNA EM SÃO LUÍS: Rupturas e continuidades

Trabalho Final de Graduação apresentado ao Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual do Maranhão, para obtenção do grau de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Prof. Msc. Grete Pflueger

São Luís

2008

Sousa, Isabella Gaspar

Arquitetura Moderna em São Luís: Rupturas e continuidades / Isabella Gaspar Sousa. - São Luís, 2008.

92 f.: il.

Monografia (Arquitetura e Urbanismo) – Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, 2008.

1. História da Arquitetura. 2. Arquitetura Moderna. São Luís - Arquitetura I. Título.

CDU 72:7.036(812.1)

ISABELLA GASPAR SOUSA

ARQUITETURA MODERNA EM SÃO LUÍS: Rupturas e continuidades

Trabalho Final de Graduação apresentado ao Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual do Maranhão, para obtenção do grau de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Aprovada em: ___ / ___ / ___

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Grete Soares Pflueger (orientadora)
Mestre em Desenvolvimento Urbano (UFPE-UEMA)
Universidade Estadual do Maranhão

Prof^ª. Marluce Wall de Carvalho Venâncio
Mestre em Desenvolvimento Urbano (UFPE-UEMA)
Universidade Estadual do Maranhão

José Antonio Lopes
Arquiteto

AGRADECIMENTOS

Fazer uma lista de agradecimentos não é uma tarefa fácil, muito menos justa. Assim, levando em conta que este trabalho final de graduação é resultado de uma caminhada que começou muito antes da minha entrada na UEMA, evitando o risco de alguma injustiça, agradeço de antemão a todos que de alguma forma passaram pela minha vida e contribuíram para a construção de quem sou hoje.

Particularmente, gostaria de agradecer aqueles que me apoiaram, me deram forças, confiança e tiveram paciência comigo durante essa fase acadêmica, tendo assim uma contribuição direta na construção deste trabalho:

A Deus, por sempre iluminar meus caminhos e minhas escolhas.

À minha mãe que, com muito carinho e apoio, nunca mediu esforços para que eu chegasse até esta etapa da minha vida.

Ao meu pai, pelo exemplo profissional que influenciou na escolha da minha carreira.

À minha avó Iêda, pelo incentivo e paciência na ajuda da correção deste trabalho.

À professora e orientadora Grete Pflueger pelo apoio e inspiração no amadurecimento dos meus conhecimentos e conceitos que me levaram a elaboração e conclusão deste trabalho final de graduação.

À minhas irmãs, pelo carinho e força que me dão, e pela paciência e compreensão por ceder diversas vezes os computadores para que eu pudesse estudar.

A todos os professores do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UEMA, pela dedicação e conhecimentos passados, de fundamental importância na minha vida acadêmica.

Aos profissionais Flávio e Andréa Salomão, Domingos Brito, Graci Bogéa e Ricardo Perez, pelo apoio e conhecimento passados durante o período de estágio nos seus escritórios.

A todos os amigos que encontrei ao longo do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UEMA, em especial à Pauline, Andréia, João Manoel, Pedro Henrique, Diego Coqueiro e Sarah, pelo incentivo, força, amizade e carinho compartilhados ao longo deste caminho.

“A arquitetura é a arte que dispõe e adorna de tal forma as construções erguidas pelo homem, para qualquer uso, que vê-las pode contribuir para sua saúde mental, poder e prazer.”

John Ruskin

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Ilustrações de Le Corbusier para três dos “cinco pontos”: pilotis, plantas livres e terraços-jardins.....	18
Figura 2 – Casa na Rua Santa Cruz (1928).	20
Figura 3 – Ministério da Educação e Saúde.	21
Figura 4 – Igreja de São Francisco - Pampulha.	23
Figura 5 – Casa de Baile - Pampulha.	23
Figura 6 – Plano piloto de Brasília por Lúcio Costa	24
Figura 7 – Eixo Monumental	25
Figura 8 – Usina Higienizadora de Leite de Luís Nunes, 1934.....	26
Figura 9 – Residência Serafim Amorim, 1959 – Delfim Amorim – PE	28
Figura 10 – Residência José Macedo, 1957 – Borsoi - CE	28
Figura 11 – Igreja da Sé com fachada original.	31
Figura 12 – Igreja da Sé atual.....	31
Figura 13 – Inserção da arquitetura eclética no conjunto colonial da Rua Grande.	32
Figura 14 – Vista aérea da cidade de São Luís em 1930.	33
Figura 15 – Vista aérea atual de trecho da Avenida Magalhães de Almeida.	34
Figura 16 – Bangalô situado na Av. Getúlio Vargas.	34
Figura 17 – Cine Roxy	35
Figura 18 – Hotel Central / Palácio do Comércio.....	35
Figura 19 – Prédio dos Correios e Telégrafos.	36
Figura 20 – Mapa de São Luís (1844).	37
Figura 21 – Planta de São Luís (1948): incentivo à periferização a partir do eixo da Rua Grande e da Estrada de Ferro	38
Figura 22 – Mapa da cidade de São Luís (1950): destaque à Av. Magalhães de Almeida, em diagonal, ligando o Largo do Carmo em direção à Beira Mar.....	39
Figura 23 – Projeto urbanístico para ocupação da ponta de São Francisco – Ruy Mesquita, 1958.....	41
Figura 24 – Tabela de Caracterização do Centro Histórico de São Luís (1998).	43
Figura 25 – Levantamento urbanístico dos estilos arquitetônicos de São Luís (1998).	44
Figura 26 – Skyline do centro histórico de São Luís, com destaque para as edificações modernas.....	45
Figura 27 – Edificação com linguagem moderna próxima ao Hospital Presidente Dutra.....	45

Figura 28 – Perspectiva frontal do Hospital Presidente Dutra.....	46
Figura 29 – Perspectiva aérea do Hospital Presidente Dutra.	47
Figura 30 - Telhados do Hospital Presidente Dutra.	47
Figura 31 – Vista frontal do Hospital Presidente Dutra.	48
Figura 32 – Maquete do edifício do DNER.	49
Figura 33 – Foto do edifício do DNER.	49
Figura 34 – DNIT/MA.	50
Figura 35 – Vista do DNIT/MA a partir do prédio do Laborarte.	51
Figura 36 – Palácio das Indústrias no Parque do Ibirapuera - Niemeyer, 1955.	51
Figura 37 – Edifício João Goulart em construção.	52
Figura 38 – Edifício João Goulart.	53
Figura 39 – Degradação do Edifício João Goulart.	54
Figura 40 – Foto antiga do Edifício do BEM.....	55
Figura 41 – Foto atual do Edifício do BEM	55
Figura 42 – Pannel de Azulejos do edifício do BEM.	56
Figura 43 – Pannel de Portinari para o MES	56
Figura 44 – Pannel de Portinari pra Igreja da Pampulha	56
Figura 45 – Construção do Edifício Sulacap.	57
Figura 46 – Edifício Sulacap.	57
Figura 47 – Edifício Sulacap de Santos, do Rio de Janeiro e de São Paulo, respectivamente.....	58
Figura 48 – Igreja de Nossa Senhora da Conceição dos Mulatos.....	59
Figura 49 – Edifício Caiçara.	59
Figura 50 – Galeria do Edifício Caiçara.	59
Figura 51 – Residência Armando Castro.	60
Figura 52 – Corte esquemático da Residência Armando Castro.	61
Figura 53 – Corte esquemático da Residência do arquiteto Vilanova Artigas.....	61
Figura 54 – Residência Ruy Dias de Sousa.	61
Figura 55 – Fachada da residência Ruy Dias de Sousa.	62
Figura 56 – Projeto da residência Ruy Dias de Sousa.	62
Figura 57 – Projeto da residência do arquiteto Rino Levi.	62
Figura 58 – Projeto do edifício sede do centro SESC – SENAC.	65
Figura 59 – Projeto do Santuário.	66
Figura 60 – Projeto do Cine Teatro São Luís.	68

LISTA DE ANEXOS

ANEXO A - São Luís – 140. 000 habitantes	75
ANEXO B - A Rua do Passeio será inaugurada hoje	76
ANEXO C - Hospital Presidente Dutra	77
ANEXO D - Bairro pobre da capital terá moderno santuário	78
ANEXO E - Edifício sede da delegacia do IAPI	79
ANEXO F - Iniciada a construção da sede do DNER	80
ANEXO G - Prédio dos Correios e Telégrafos	81
ANEXO H - Ampliação da sede do DCT	82
ANEXO I - Gostamos de fanáticos e velharias	83
ANEXO J - Sede do Centro SESC – SENAC	84
ANEXO L - Depois de 21 anos encontro São Luís progressista e movimentada	85
ANEXO M - Será construído em São Luís o mais moderno e completo cinema.	86
ANEXO N - DNER –MA prepara a expansão da cidade	87
ANEXO O - Construtora Caiçara Ltda. dá Dimensão Moderna à São Luís	88
ANEXO P - Colocação da cumieira do Hospital Presidente Dutra	89
ANEXO Q - Terão início hoje as obras de construção do edifício-sede do Centro Sesc- Senac.....	90
ANEXO R - São Luís – Expansão e descentralização do tráfego.....	91
ANEXO S - Ajudem nossa capital	92

RESUMO

O Movimento Moderno transformou a feição das cidades através de seus ideais e arquitetura de formas simples e funcionais, atingindo na elaboração de Brasília sua expressão plena. Porém, para abranger o panorama arquitetônico da época como um todo é necessário estudar o tema arquitetura moderna fora das grandes metrópoles, em regiões que não eram urbanas e industriais no período de implantação do modernismo. Assim, este trabalho consiste em uma pesquisa teórica sobre arquitetura moderna em São Luís, considerando o contexto histórico da cidade e da época, tendo como enfoque às principais edificações que ajudaram a implantar a linguagem moderna, a partir da década de 1950, no centro histórico da cidade. Com intuito de compreender o processo de implantação da arquitetura moderna na capital maranhense, fez-se inicialmente um breve histórico da expansão e desenvolvimento dessa arquitetura no mundo, especialmente na esfera nacional (Brasil) e regional (Nordeste), para depois elaborar a contextualização histórica de São Luís, ressaltando as vertentes artísticas que colaboraram para disseminar a modernidade arquitetônica na cidade. Durante a realização da pesquisa foram encontrados fotos e dados inéditos de importantes obras modernas ludovicenses, assim como, projetos inéditos, que nunca chegaram a ser construídos, mas que ajudam na construção da identidade arquitetônica da cidade. Atualmente a importância da pesquisa sobre a arquitetura moderna no Brasil vem aumentando cada vez mais, porém São Luís ainda carece de estudos especializados sobre esse acervo, sendo assim esse trabalho compila informações já existentes sobre o acervo moderno e traz novos dados, que servem para demonstrar a necessidade de estudos, registros e práticas preservacionistas voltadas para essa arquitetura.

Palavras-chave: História da Arquitetura, Arquitetura Moderna, São Luís.

ABSTRACT

The Modern Movement transformed the garb of cities through its ideals and architecture of simple and functional forms, reaching its full expression in the formulation of Brasilia. However, to cover the whole architectural panorama of the period is necessary the study of the modern architecture theme, outside the large cities, in regions that were not urban and industrial in the era of the modernism development.

Thus, this work consists of a theoretical research on modern architecture in São Luís, considering the historical context of the city and the period, emphasizing the main buildings that helped to establish the modern language from the 1950s, in the city's historic center.

In order to understand the process of modern architecture establishment in the capital of Maranhão, it was important to make initially a brief history of the expansion and development of this architecture in the world, especially at national (Brazil) and regional sphere (Northeast), so that the historical contextualization of São Luís could be elaborated, highlighting the artistic aspects that helped spread the modern architecture in the city.

During the research were found photos and unpublished data of important modern works in São Luís, as well as rare projects, which never came to be built, but which help in the generation of the city's architectural identity.

Currently the importance of research on the modern architecture in Brazil has been increasing, but São Luís still lacks on specialized studies about this collection, so this work compiles existing information on the modern collection and brings new data, which serve to demonstrate the need for studies, records and practices towards the preservation of this architecture.

Keywords: History of Architecture, Modern Architecture, São Luís.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	06
LISTA DE ANEXOS	08
1 INTRODUÇÃO	12
2 METODOLOGIA	14
3 A ARQUITETURA DOS “NOVOS TEMPOS”	16
4 MODERNO À BRASILEIRA	19
5 ARQUITETURA MODERNA NO NORDESTE	26
6 ARQUITETURA MODERNA EM SÃO LUÍS	30
6.1 A cidade secular em busca do ideário moderno	30
6.2 As transformações urbanas e o Plano de Expansão da cidade	37
6.3 A estética moderna e o conjunto colonial	41
7 SÍMBOLOS DO MODERNO NA CIDADE	46
7.1 Hospital Presidente Dutra	46
7.2 Departamento Nacional de Estradas e Rodagem (DNER)	49
7.3 Edifício João Goulart	51
7.4 Edifício sede do Banco do Estado do Maranhão (BEM)	54
7.5 Edifício Sulacap	57
7.6 Edifício Caiçara	58
7.7 As casas de Cleón Furtado	60
8 EDIFÍCIOS MODERNOS DE MORTE PREMATURA	64
8.1 Sede do Centro SESC-SENAC	65
8.2 Santuário no Bairro de Fátima	66
8.3 Cine Teatro São Luís	67
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
REFERÊNCIAS	70
ANEXOS	74

1 INTRODUÇÃO

O Movimento Moderno nasceu num contexto que acreditava que os problemas da nascente sociedade industrial podiam ser solucionados pela arquitetura. De fato seus ideais e sua arquitetura de formas limpas e funcionais, que utilizava a tecnologia dos materiais à seu favor, causaram uma verdadeira ruptura na linguagem e na feição das cidades do século XX.

No Brasil esse movimento iria se desenvolver e originar uma arquitetura com características e valores próprios, deixando de ser uma cópia de modelos europeus, para chegar a influenciar os rumos da arquitetura moderna, através da interpretação pessoal da linguagem moderna na figura de Niemeyer.

Apesar da indiscutível qualidade e reconhecimento da arquitetura produzida no Brasil no século XX, só recentemente foi reconhecida a importância da pesquisa e da divulgação da história da arquitetura dessa época, através de presença do DoCoMoMo (*International Working Party for Documentation and Conservation of Buildings, Sites and Neighbourhoods of the Modern Movement*) em esfera nacional, com uma nova visão que enfatiza o valor da diversidade arquitetônica presente naquele momento, encarando as diferentes tendências como uma ruptura e etapa de transição necessária para o moderno.

A importância de metrópoles como Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte e posteriormente Brasília, para o desenvolvimento da Arquitetura Moderna Brasileira, fez com que muitas vezes, o estudo desse tema privilegiasse somente esses locais. Entretanto, para entendermos o significado e a abrangência da arquitetura moderna no Brasil, devemos aprender a olhá-la sem generalismos, conhecendo as especificidades locais de culturas e contextos históricos, nas diferentes regiões brasileiras onde essa arquitetura tomou forma. Só assim, poderemos observar o desafio enfrentado por algumas cidades nordestinas, na tentativa de se adequar à modernidade arquitetônica vigente, que era propagada pelas metrópoles brasileiras.

No Nordeste, o tema arquitetura moderna teve seu debate impulsionado através da criação do foro regional do DoCoMoMo, que realizou seu primeiro seminário somente em maio de 2006, em Pernambuco (I Seminário DoCoMoMo Norte – Nordeste).

Na cidade de São Luís, as pesquisas voltaram-se para a preservação do conjunto arquitetônico colonial português, considerado patrimônio histórico mundial pela UNESCO. Entretanto, neste mesmo conjunto também se encontram exemplares da arquitetura do século XX, que teimam em demonstrar que a cidade não deixou de receber as idéias modernas e suas temporalidades, mesmo que de forma mais lenta e escassa em comparação às outras capitais

nordestinas. Além disso, projetos de renovação urbana como a construção da Avenida Magalhães de Almeida, demolindo casarões coloniais para criar uma diagonal no traçado xadrez do centro, alteraram para sempre o antes “intocável” e secular conjunto histórico.

Diante da escassez de estudos especializados sobre arquitetura moderna em São Luís, este trabalho consiste em uma pesquisa teórica enfocando as edificações mais significativas para a implantação da linguagem moderna no centro histórico ludovicense, surgidas a partir de 1950, resgatando com isso uma parte importante da história urbana e arquitetônica da cidade.

Esse resgate inicia-se através de um breve histórico da expansão e desenvolvimento da arquitetura moderna no mundo, especialmente, na esfera nacional (Brasil) e regional (Nordeste), para depois abordar a contextualização histórica de São Luís, ressaltando as vertentes artísticas que colaboraram para disseminar a modernidade arquitetônica na cidade.

Os poucos trabalhos existentes, sobre a temática moderna na capital ludovicense, nunca haviam sido compilados, na busca de uma compreensão mais ampla do panorama arquitetônico da cidade na época. Desta forma, o presente estudo apresenta uma compilação de informações já existentes sobre o acervo moderno e, acrescenta novos dados, tais como a análise de projetos modernos não-edificados, com o objetivo de contribuir para o resgate da memória arquitetônica da cidade, através de informação documental e fotográfica, que poderá servir de consulta para novos estudos, que possam vir a ser elaborados posteriormente.

2 METODOLOGIA

No intuito de descobrir o contexto e os ideais que nortearam o aparecimento da arquitetura moderna em São Luís, foi necessário fazer inicialmente um estudo sobre o Movimento Moderno no mundo e sua repercussão e desenvolvimento no Brasil, mas especificamente no Nordeste. Para isso foi realizada uma revisão bibliográfica baseada em autores como Argan (1998); Benévolo (1989); Bruand (2005); Cavalcanti (2001,2007); Le Corbusier (1989); Midlin (1999); Segawa (1999) e Underwood (2002), além de artigos extraídos do Seminário do DoCoMoMos Norte – Nordeste de 2007 presentes no livro “Arquitetura Moderna no Norte e Nordeste do Brasil: universalidade e diversidade”.

Depois disso foi feita a contextualização histórica de São Luís na época do Movimento Moderno através dos autores Barros (2001) e Meirelles (2001), de trabalhos monográficos da Universidade Estadual do Maranhão; como os de Figueiredo (2006); Martins (2006) e Oliveira (2005), da dissertação de Burnett (2002), do artigo de Feitosa (2008) e de livros como “São Luís – Ilha do Maranhão e Alcântara: guia de arquitetura e paisagem”, “Cidades históricas: inventário e pesquisa” e “São Luís: uma leitura da cidade”.

Para compor a pesquisa documental dos principais exemplares do moderno no centro histórico de São Luís, foi realizado um levantamento de dados e fontes bibliográficas no Diário Oficial do Estado e no acervo de obras raras (jornais e microfimes) da Biblioteca Pública Benedito Leite, através de exemplares dos jornais “O Imparcial”; “Diário da Manhã”; “A Tarde” e “Jornal do Maranhão”.

Na pesquisa realizada no Diário Oficial do Estado não foram obtidos resultados relevantes, devido à falta de organização dos arquivos, uma vez que a biblioteca do Diário Oficial acabará de ser transferida para uma nova locação. Já durante a pesquisa nos jornais, foram encontrados dados de edifícios modernos, que nunca chegaram a ser construídos em São Luís; o que levou a inclusão de tais edifícios no trabalho, pela importância e contribuição que representam para a arquitetura moderna ludovicense. Esses dados foram analisados através da ótica expressa em Amorim (2007), que trabalha com a temática de óbito arquitetônico de obras modernistas.

As imagens apresentadas nesse trabalho são de grande importância para a compreensão do tema abordado e possuem diversas fontes, tendo sido extraídas através dos livros e monografias utilizados como referência bibliográfica; dos jornais consultados na Biblioteca Pública Benedito Leite; além, é claro, das fotografias extraídas de arquivos pessoais (no caso o arquivo pessoal da Prof. ^a Grete Pflueger), e das realizadas durante o

levantamento fotográfico feito pela autora e por Deivyd Cavalcante. Com a coleta desse acervo foi elaborado um banco de imagens da arquitetura moderna em São Luís, que se encontra digitalizado em cd – room, para ser entregue à Universidade Estadual do Maranhão, com intuito de colaboração para futuras pesquisas.

A junção de todos esses elementos possibilitou a construção de uma narrativa, onde os fatos foram agrupados e ordenados numa seqüência cronológica de consolidação das informações para a melhor compreensão do tema arquitetura moderna em São Luís.

3 A ARQUITETURA DOS “NOVOS TEMPOS”

As cidades no início do século XX assistiram a uma revolução no seu modo de viver como reflexo das inúmeras inovações tecnológicas, sociais, ideológicas e políticas trazidas no contexto da Revolução Industrial e da cultura iluminista. O aumento da população demandava planejamento para as novas cidades, enquanto o surgimento de materiais como o concreto, o aço e o vidro, proporcionavam novas técnicas de construção, e uma maior liberdade criativa.

Todas essas mudanças e contradições vão propiciar um ambiente de intensa efervescência artística em busca de uma nova interpretação da realidade. Assim, surgem na Europa as primeiras vanguardas artísticas - Futurismo, Expressionismo, Surrealismo, etc. – que, segundo Argan (1998), agrupam-se sob o termo genérico Modernismo e propõem-se não apenas a modernizar ou atualizar, mas sim a revolucionar radicalmente as modalidades e finalidades da arte.

A produção arquitetônica da época ainda encontrava-se marcada por uma pluralidade de tendências, algumas obviamente sintonizadas com as vanguardas artísticas européias, e outras ainda ligadas à tradição arquitetônica clássica (procurando nas correntes ecléticas e historicistas elementos de transição ao moderno).

A renovação estética, aceita pelas vanguardas nas artes plásticas, pregava a crença de uma sociedade regulada pela industrialização, pensamento que passou a ser cada vez mais endossado nos debates arquitetônicos das primeiras décadas do séc. XX. A cidade pré-industrial passou a ser considerada obsoleta, inadequada para receber o grande fluxo populacional vindo dos campos; os novos equipamentos industriais; e principalmente para receber os automóveis, que se popularizavam cada vez mais.

Desse modo, a arquitetura moderna nasce num contexto social que passa a enxergar na arquitetura a solução para os problemas trazidos pelo ritmo de vida “moderno”, especialmente no campo da habitação e do urbanismo. Assim, passa a ser caracterizada por um forte discurso social e estético de renovação do ambiente de vida humano.

O mecanismo social, profundamente perturbado, oscila entre uma melhoria de importância histórica ou uma catástrofe. O instinto primordial de todo ser vivo é de se assegurar um abrigo. As diversas classes ativas da sociedade não têm mais o abrigo conveniente, nem o operário nem o intelectual. É uma questão de construção que está na chave do equilíbrio rompido hoje: arquitetura ou revolução. (LE CORBUSIER, 1989, p.40).

Um dos principais objetivos do Movimento Moderno seria, portanto, solucionar os problemas da sociedade industrial, transformando-a através da arquitetura. Esta visão, influenciada por alguns socialistas utópicos (como Owen e Fourier), acabou valorizando o papel do arquiteto, que foi colocado ao centro das principais discussões da época.

A incorporação das novas tecnologias também foi um importante capítulo nesta pretendida “reforma”, pois forneceu o vocabulário formal da nascente expressão arquitetônica. Assim, a arquitetura moderna irá primar pela inovação e tecnologia dos materiais, extraindo deles formas e volumes diferenciados, rejeitando a ornamentação excessiva dos estilos passados e enfatizando uma beleza simples e funcional, evidenciando a natureza dos materiais e os processos de construção. Alguns slogans criados nesse período, apesar de confrontados posteriormente, irão sintetizar o ideário moderno inicial (BENEVOLO, 1989), como “Menos é mais” do arquiteto Mies Van der Rohe, “A forma segue a função”, do proto-moderno Louis Sullivan e “A casa é uma máquina de morar” de Le Corbusier.

Apesar da forte ideologia e definição formal que caracterizaram a arquitetura moderna, esta apresentou diferentes nuances conforme as características sociais e culturais dos locais onde se desenvolveu:

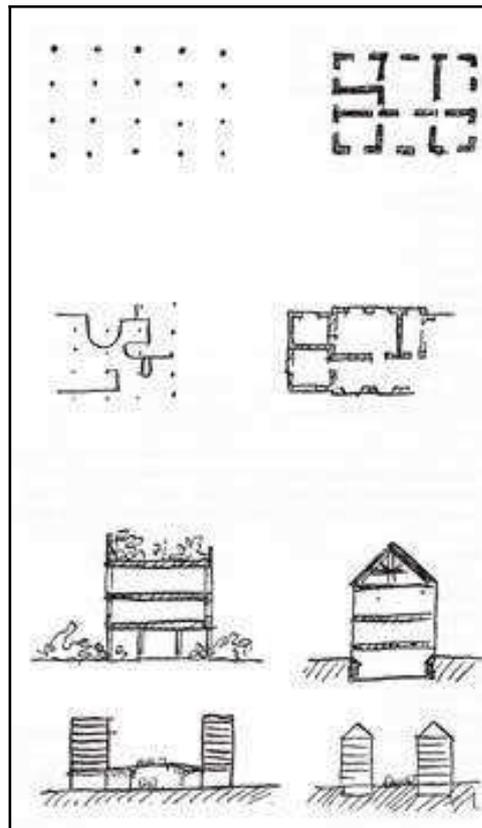
No âmbito do que podemos chamar de ética fundamental ou deontologia da arquitetura moderna, distinguem-se diversas formulações problemáticas e diversas orientações, ligadas às diversas situações objetivas, sociais e culturais. Assim, podem-se distinguir: 1) um racionalismo formal, que possui seu centro na França, e tem a frente Le Corbusier; 2) um racionalismo metodológico-didático, que possui seu centro na Alemanha, na *Bauhaus*, e tem à frente W. Gropius; 3) um racionalismo ideológico, o do Construtivismo soviético; 4) um racionalismo formalista, o do Neoplasticismo holandês; 5) um racionalismo empírico dos países escandinavos, que tem seu expoente em A. Aalto; 6) um racionalismo orgânico americano, com a personalidade dominante de F. L. Wright. (ARGAN, 1998, p. 264).

Estas diversas orientações encontram seu elemento de convergência no IV Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (CIAM), realizado em 1933 em Atenas, quando produzem um manifesto urbanístico, conhecido como “A Carta de Atenas”. A Carta tenta responder aos problemas urbanísticos enfrentados pelas cidades na época, e propõe a segregação funcional, setorizando as áreas de trabalho, de lazer e residencial. Além disso, contribuiu para a materialização e difusão do chamado *international style* na arquitetura moderna.

O *international style* possui como características principais a acentuada simplificação das formas, a preferência pela utilização do aço, vidro e concreto, a separação de atividades, e o emprego da produção em massa. Seus expoentes máximos foram Mies Van der Rohe e Gropius na Alemanha e Le Corbusier na França.

Este último foi uma figura de extrema importância na consolidação de uma linguagem arquitetônica moderna, tendo sido um dos fundadores do CIAM e o criador dos “cinco pontos para uma nova arquitetura” - planta livre, terraço jardim, fachada livre, pilotis e janelas em fita - conceito que se tornou fundamental na história da arquitetura moderna. É o racionalismo formal corbusierano que, como veremos a seguir, irá influenciar os primórdios da arquitetura moderna brasileira.

Figura 1 – Ilustrações de Le Corbusier para três dos “cinco pontos”: pilotis, plantas livres e terraços-jardins.



Fonte: COLQUHOUN, 2004.

No Brasil, as primeiras tentativas modernizadoras aconteceram no âmbito urbano, entre o final do século XIX e começo do XX, e de acordo com Segawa (1999) foram: a negação das estruturas urbanas coloniais, através da transferência da capital de Minas Gerais de Ouro Preto para Belo Horizonte, o processo de “Hausmanisation” do Rio de Janeiro, promovido por Pereira Passos (seguido tempos depois por várias cidades brasileiras); e as intervenções de Francisco Saturnino Brito e seus projetos de saneamento.

Nessa mesma época, a arquitetura do país gozava de pouco prestígio, até com o poder público, que muitas das vezes recorria a arquitetos europeus para a construção de seus prédios:

Até a virada do século XIX, o mercado de construção era dominado por mestres-de-obra, geralmente pedreiros de nacionalidade ou origem lusitana [...]. Arquitetos vindos da Europa ou, em minoria, formados pela Escola Nacional de Belas Artes, dedicavam-se a construir prédios públicos e casas para as camadas dominantes no estilo ‘ecclético’. (CAVALCANTI, 2007, p.20).

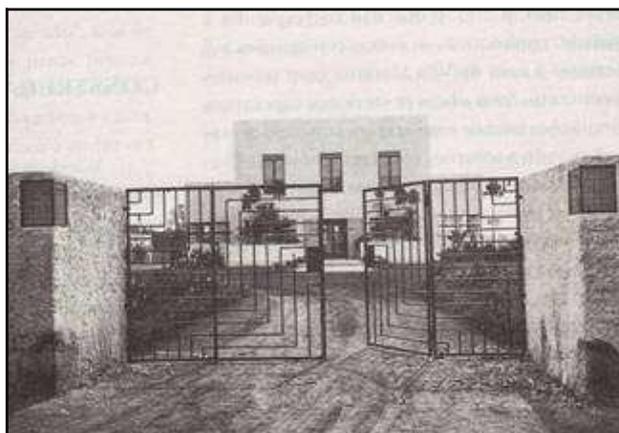
É nesse contexto que, em 1914, surge um movimento que traz no seu bojo um componente inédito às discussões sobre a renovação arquitetônica no Brasil. Nesse ano, a conferência “A Arte Tradicional no Brasil” de Ricardo Severo, disseminava a idéia da valorização da arte colonial como manifestação de nacionalidade (SEGAWA, 1999, p.35). Esse princípio irá propor na arquitetura o caminho à modernização através de um retorno as raízes nacionais, e ficará conhecido como Movimento Neocolonial.

Pouco tempo depois, em 1922, era realizada em São Paulo a Semana de Arte Moderna¹, a primeira manifestação antitradicionalista, baseada nas vanguardas européias, do país. Porém a participação da arquitetura na manifestação foi muito pouco expressiva, sendo apresentados apenas desenhos de obras de gosto neocolonial e de inspiração maia. Assim, enquanto à arte e a literatura se espelhavam nas vanguardas européias como símbolo de modernidade, a arquitetura veiculava um conceito de moderno como uma transição do ecletismo, o neocolonial. (SEGAWA, 1999, p.43).

¹ Ocorrida no período de 11 à 18 de fevereiro no Teatro Municipal de São Paulo, a exposição contou com participações nas áreas da literatura, da música, e das artes (pintura, escultura e arquitetura). Os jovens modernistas da Semana negavam o academicismo nas artes, pregando a atualização desta e a busca de uma linguagem autenticamente nacional. Entre os principais modernistas da Semana estavam: Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Anita Malfatti, Di Cavalcanti e Vitor Brecheret. Os arquitetos participantes foram: Antônio Garcia Moya e Georg Przyrembel.

Em 1925, começaram a aparecer as primeiras manifestações de fundo moderno no país, com os discursos² de apologia à indústria e a modernidade na construção, de Rino Levi e Gregori Warchavchik, publicados na imprensa. O mesmo Warchavchik, que em 1928, ao construir sua própria casa, constituiu o primeiro exemplar de arquitetura moderna do Brasil.

Figura 2 – Casa na Rua Santa Cruz (1928).



Fonte: SEGAWA, 1999.

Apesar disso, a cena arquitetônica brasileira, continuava marcada pela pluralidade de estilos, e o ecletismo; o neocolonial; o art déco e o racionalismo clássico tentavam, cada qual ao seu modo, apontar os caminhos para a arquitetura numa era de rápida modernização técnica, social, e urbanística; e apresentar soluções para o dilema existente entre a importância das tradições que balizavam o exercício da arquitetura; e a influência das tendências modernas trazidas pelas vanguardas européias. Neste quadro, o modernismo, pelo menos até meados dos anos 1940, ainda era apenas uma opção a mais.

Na segunda metade dos anos 1930, as arquiteturas ‘cúbicas’ e Art Déco disseminavam-se entre os profissionais de várias regiões do Brasil. Em duas revistas de arquitetura surgidas nessa época, *Arquitetura e Urbanismo* (1936, no Rio de Janeiro) e *Acrópole* (1938, São Paulo), havia uma convivência pacífica entre circunspectas obras tradicionalistas, exóticas casas neocoloniais e geométricas construções modernizantes em suas ecléticas páginas, mas com leve predominância das linhas modernas – ampliando-se esse domínio ano a ano, mais nos programas de âmbito coletivo – prédios comerciais, terminais de transportes, mercados, clubes etc. – e menos das obras residenciais. (SEGAWA, 1999, p. 72).

Alguns fatos históricos são cruciais no entendimento do processo que desencadeou a difusão e o fortalecimento do movimento moderno no Brasil. Assim, em 1929,

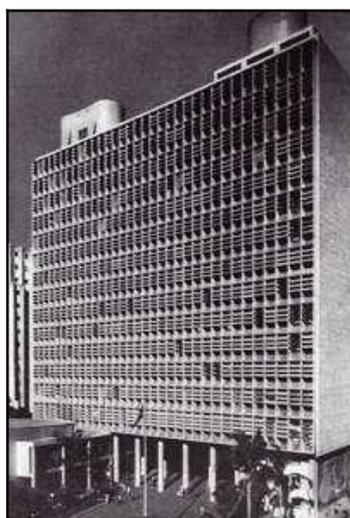
² Esses manifestos são “Acerca da Arquitetura Moderna” de Gregori Warchavchik e “A arquitetura e a estética das cidades” de Rino Levi. Ver discursos na íntegra em “Depoimento de uma geração - arquitetura moderna brasileira”, edição de 2003.

temos a primeira passagem de Le Corbusier no país, quando divulgou suas idéias em palestras no Rio de Janeiro e São Paulo, e no ano seguinte, a nomeação de Lúcio Costa como diretor da Escola Nacional de Belas Artes, quando tentou reformular o ensino até então voltado para o neocolonialismo brasileiro, e a ascensão de Getúlio Vargas ao poder, com um governo nacionalista e uma retórica modernizadora.

São essas transformações que vão abrir espaço para que em 1936, o ministro da Educação, Gustavo Capanema, descontente com o resultado do concurso para a construção do novo edifício-sede de seu ministério, solicite autorização do governo para contratar Lúcio Costa e equipe (entre eles constavam Reidy e Niemeyer), abandonando o projeto vencedor, de gosto “marajoara”³. (CAVALCANTI, 2007, p.39).

Lúcio Costa sugere então que Le Corbusier fosse convidado a opinar sobre o projeto do Ministério da Educação e Saúde (MES) e da Cidade Universitária do Brasil (MIDLIN, 1999, p.27). Segundo Cavalcanti (2007), para os arquitetos brasileiros o apoio de Corbusier foi de extrema importância para legitimar a atuação destes junto à Capanema. Assim, a sede do MES vai obedecer à linguagem corbusierana, incorporando os “cinco pontos da arquitetura nova”, além de valorizar aspectos regionais da cultura brasileira, como a utilização de azulejos da tradição portuguesa e de palmeiras imperiais no projeto, recomendações do mestre europeu.

Figura 3 – Ministério da Educação e Saúde.



Fonte: CAVALCANTI, 2007.

O edifício do MES é considerado um marco decisivo na definição de uma arquitetura moderna de feitiço brasileiro. Além disso, simboliza o início da conquista do

³ Segundo Cavalcanti (2007), o estilo marajoara seria uma estilização de temas indígenas, representando uma idealização de um passado “nobre” do Brasil, e servia como fonte de inspiração acadêmica em substituição à Grécia e a Roma.

mercado estatal pelos arquitetos modernos, fato de extrema importância num país onde as elites e empresas privadas só adotavam um estilo depois que este tivesse sido experimentado e aprovado em obras públicas (CAVALCANTI, 2007, p.14). Do ano do concurso até sua inauguração em 1945, o prédio tinha se transformado em alvo da disputa entre modernos e neocoloniais⁴. Entretanto, apesar das diferenças ideológicas, surgiria uma forte conexão entre os dois movimentos:

Apontavam semelhanças estruturais entre as casas ‘tradicionais’ sobre estacas e o pilotis, a estrutura em madeira das casas coloniais era comparada ao esqueleto de concreto armado e relacionavam-se as grandes extensões caídas da arquitetura ‘tradicional’ à pureza do novo modo de construir. Dessa forma, a arquitetura moderna brasileira, embora característica de condições técnicas e sociais novas, se proporia a reinterpretar, através de uma leitura estrutural e técnicas do seu tempo, a tradição construtiva brasileira. (CAVALCANTI, 2007, p.48-49).

Essas justificativas, cruciais na vitória do caso do MES e na conquista do mercado estatal, também seriam o ponto de partida na constituição de uma arquitetura com características e valores próprios. Assim, apesar das fortes influências européias, notadamente Le Corbusier, e em menor grau, Walter Gropius, a arquitetura brasileira desenvolve um caráter único, alcançando grande prestígio internacional.

Esta conotação internacional começa a ser mais sentida depois de dois episódios: a execução do pavilhão brasileiro da feira Mundial de Nova York em 1939, projetado por Lucio Costa e Oscar Niemeyer, considerado um dos pontos mais altos de toda exposição; e a exposição *Brazil Builds*⁵ de 1943, promovida pelo *Museum of Modern Arts* (MoMA) de Nova Iorque, que apresentava uma compilação cuidadosa de exemplares da arquitetura brasileira, com um acervo que trazia desde exemplares históricos até a produção moderna.

Críticos e arquitetos desviaram sua atenção para a sofisticada produção de um país cuja imagem esteve sempre associada ao folclore tropical. São inúmeros os depoimentos de profissionais que tiveram a sua curiosidade despertada pelo Brasil através das páginas do *Brazil Builds*, distribuído, por indicação do OCIAA e com ajuda do Departamento do Estado norte-americano, para os mais afastados rincões do planeta. A partir dessa difusão, projetos brasileiros passaram a ocupar com frequência, as páginas dos periódicos europeus, com destaque para o francês *Architecture Aujourd’hui*, o britânico *Architectural Review* e a *Domus*, na Itália. (CAVALCANTI, 2007, p. 170-171).

⁴ Em relação ao embate entre modernos e neocoloniais ver Cavalcanti: 2007.

⁵ Essa exposição foi influência da Política do Bom Vizinho, implantada nos EUA visando aumentar o domínio político, cultural e econômico na América Latina. Assim as ações culturais foram incentivadas numa tentativa de atenuar o preconceito mútuo existente entre as populações norte e sul-americanas.

Com a grande repercussão alcançada pelo *Brazil Builds*, o público brasileiro, que em geral desconhecia ou ignorava a produção moderna, passa a reconhecer o valor dessa arquitetura, tão bem vista internacionalmente.

A arquitetura moderna passa a ser símbolo do progresso, da industrialização e da identidade do Brasil como uma nação em desenvolvimento, sendo então utilizada como forma de expressão dominante nas construções que deveriam representar o Estado. Podemos confirmar esse fato ao analisar os mandatos de Juscelino Kubitschek, que adotou a arquitetura moderna desde o começo de sua carreira política; quando, ainda prefeito de Belo Horizonte; contrata Oscar Niemeyer e Roberto Burle Marx para os projetos de arquitetura e paisagismo, respectivamente, do conjunto da Pampulha (1942-43). E quando eleito presidente, em 1956, empreende a construção de Brasília, tendo Lúcio Costa como urbanista e Niemeyer como arquiteto.

Figura 4 – Igreja de São Francisco - Pampulha.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2008.

Figura 5 – Casa de Baile - Pampulha.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2008.

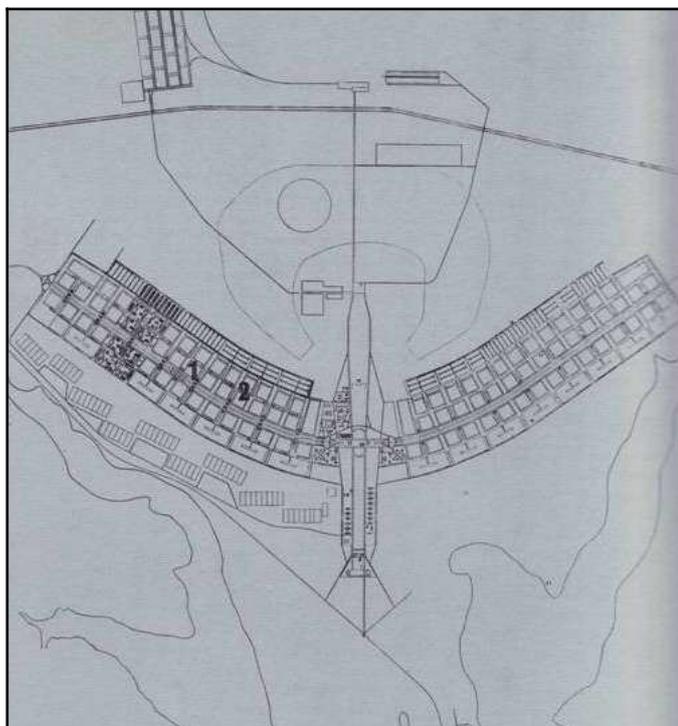
Em Pampulha, Niemeyer, se afastando do racionalismo corbusiano e da “permanente dialética com o passado”, aprendida com Lúcio Costa (CAVALCANTI, 2007, p.199), alcança uma expressão mais pessoal na forma de interpretar a linguagem moderna, argumentando que a forma quando cria beleza se torna uma das principais funções da

arquitetura, contrapondo-se assim ao famoso preceito “a forma segue a função” e influenciando os rumos da arquitetura moderna:

[...] Mas, não raro, era a forma abstrata que me atraía, pura e delgada, solta no espaço à procura do espetáculo arquitetural. E nela me detinha, conferindo-a tecnicamente, certo de que alguns teriam empenho em analisá-la, com essa vocação para mediocridade que não permite concessões nem obra criadora. [...] E Pampulha surgiu com suas formas diferentes, suas abóbadas variadas, com as curvas da marquise e da Casa do Baile a provocarem o tabu existente. (NIEMEYER, 2003, p. 142).

Porém, é com Brasília⁶ que o Movimento Moderno encontra sua afirmação e expressão plena, com a aplicação e desenvolvimento das teorias modernas representadas não só nas construções, como no próprio urbanismo da cidade. O projeto urbanístico de Brasília, por Lúcio Costa, seguindo os preceitos do CIAM, ordenou a cidade segundo quatro grandes escalas (SEGAWA, 1999, p. 24): a residencial, a monumental, a gregária e a bucólica.

Figura 6 – Plano piloto de Brasília por Lúcio Costa



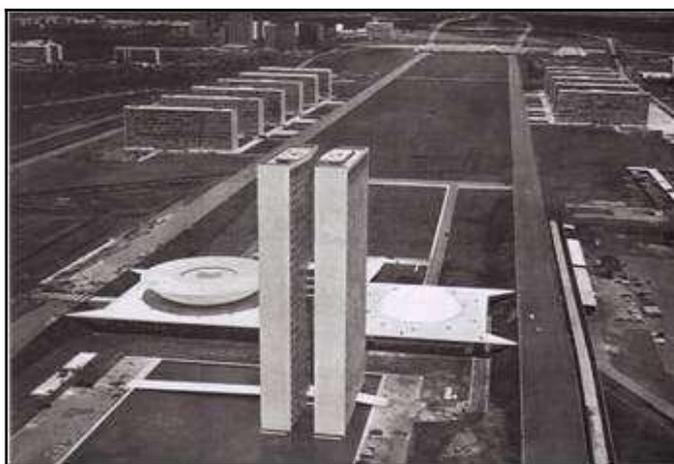
Fonte: CAVALCANTI, 2001, p.424.

A escala monumental correspondia ao centro cívico e administrativo, fazendo assim com que o destaque arquitetônico da composição fosse dado aos prédios estatais, como

⁶ Em relação à história de Brasília consultar SILVA, Ernesto (1983). História de Brasília: um sonho, uma esperança, uma realidade.

forma de distinguir a nova capital de uma nova cidade qualquer. Esses prédios através da simplificação e ousadia das formas exteriores, projetadas por Niemeyer, conseguem transformar-se tanto em monumentos, quanto em símbolos nacionais (CAVALCANTI, 2007, p. 216).

Figura 7 – Eixo Monumental



Fonte: UNDERWOOD, 2002, p. 83.

Todo o fervor envolvido na construção de Brasília, assim como a repercussão internacional da moderna arquitetura brasileira ajudaram a disseminar os valores dessa arquitetura (especialmente os das vertentes carioca e paulista⁷) através do país. Porém, segundo Segawa (1999, p.131) é possível levantar a hipótese de que houve dois fatores decisivos para a afirmação de uma linguagem comum pelo território brasileiro, como a criação de escolas de arquitetura em várias regiões do Brasil e o deslocamento de profissionais de uma região para outra.

Jovens de várias partes do Brasil que foram buscar formação em arquitetura no Rio de Janeiro, acabaram se transformando em mensageiros da arquitetura moderna em outras regiões. Assim, temos José Bina Fonyat, na Bahia; Edgar Graeff, do Rio Grande do Sul; Acácio Gil Borsoi, em Pernambuco; Davi Azambuja, em Curitiba, entre outros. (SEGAWA, 1999, p.142).

5 ARQUITETURA MODERNA NO NORDESTE

⁷ A Arquitetura moderna paulista é marcada pela valorização da razão construtiva. Segundo Segawa (1999) a austeridade e o respeito no uso de materiais e instalações à vista e a preocupação por um funcionalismo não necessariamente mecanicista são evidências formais que, associadas às obras de Artigas e seu grupo, geraram o título de “Brutalismo Paulista” à essa arquitetura. Alcinha que depois foi contestada pelo próprio Artigas, dizendo que o conteúdo ideológico do brutalismo europeu não convinha de todo com sua arquitetura.

A forte e incontestável presença dos arquitetos modernistas cariocas na arquitetura nacional, desde 1930, e o desenvolvimento e difusão da linha paulista, no final da década de 1950, fizeram com que boa parte da historiografia justificasse a utilização do termo que se convencionou chamar “Arquitetura Moderna Brasileira” unicamente para essas linhas.

Porém se quisermos abranger o panorama arquitetônico da época como um todo, temos que ampliar nossa visão e explorar o tema arquitetura moderna não só nas grandes metrópoles, como Rio de Janeiro e São Paulo, mas também nas regiões que não eram urbanas e industriais à época da implantação do modernismo, tais como as várias cidades do Norte e Nordeste. Só então poderemos perceber o desafio enfrentado por esses centros distantes na tentativa de adequar-se à modernidade arquitetônica vigente. A diversidade de programas e culturas, as práticas de construção tradicionais e o diálogo entre a expressão moderna e as heranças históricas, eram alguns dos dilemas que foram enfrentados nessas regiões.

Figura 8 – Usina Higienizadora de Leite de Luís Nunes, 1934.



2007.

Fonte: AMORIM,

As primeiras obras modernas significativas no Nordeste, tiveram início na cidade do Recife, na década de 1930, com as experiências de Luiz Nunes, que tinha como principal marca projetual, a conciliação dos princípios racionalistas com algumas técnicas tradicionais locais. Nessa mesma época, a cidade de Salvador, também vivenciava experiências pioneiras, como a construção do Instituto de Cacau por Alexander Buddeüs. Entretanto, de acordo com Moreira (2007, p.07), apesar desses episódios, é possível afirmar que “a consolidação da arquitetura moderna no Norte e Nordeste é um fenômeno do pós-guerra”:

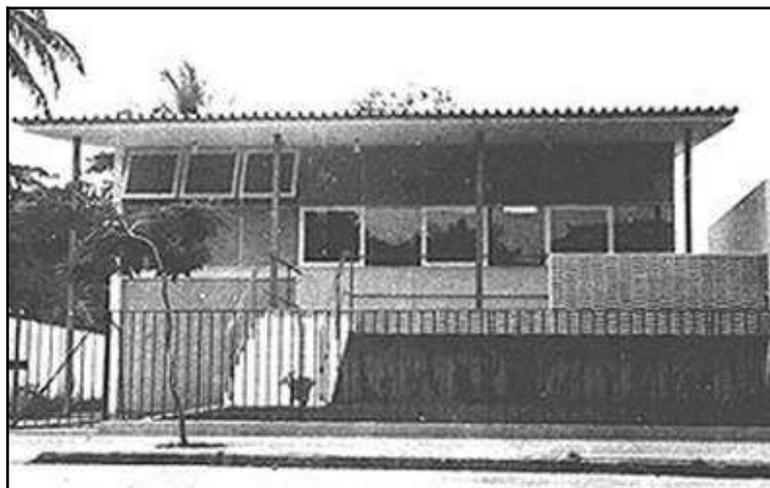
As obras desses arquitetos, assim como o aparecimento de edifícios inovadores nessas cidades — como o Elevador Lacerda (Salvador) e o Sulacap (Recife) — foram episódios que não tiveram reflexos em uma discussão arquitetônica mais articulada e nem em um ambiente acadêmico que propiciasse uma continuidade

dessas iniciativas. O processo de difusão do modernismo nessas regiões deveu-se particularmente a arquitetos brasileiros, e a alguns estrangeiros, que para ali migraram a partir do final da década de 1940.

Os estados nordestinos não apresentavam um Estado forte (como no Rio de Janeiro), nem uma burguesia industrial apta a financiar as novas concepções arquitetônicas (como em São Paulo), fatores essenciais na implantação da arquitetura moderna no Brasil. Assim, a implantação do modernismo no Nordeste aconteceu tardiamente, fazendo com que a produção arquitetônica até a década de 1950 apresentasse uma grande diversidade de manifestações, que procuravam respostas próprias para os problemas trazidos com a modernização das cidades.

No final da década de 1940, transferiram-se para o Recife alguns dos principais portadores da mensagem moderna para o Nordeste, como Acácio Gil Borsoi, o português Delfim Amorim e o italiano Mario Russo. Esses arquitetos adaptaram princípios da linguagem carioca e do modernismo europeu às peculiaridades construtivas e ao clima quente e úmido da região. Segundo Moreira (2007, p. 07), “[...] a produção pernambucana dos anos 50 em diante chegou a ser considerada por alguns críticos, como Bruand, como uma forma de desenvolvimento autônomo das linguagens das escolas paulista e carioca.”

No geral, a arquitetura moderna pernambucana se caracterizou pela utilização de elementos, tais como: a laje dupla (para isolar termicamente as edificações), materiais cerâmicos recobrimdo paredes (objetivando não só a decoração, mas também a proteção às intempéries), telha canal sobre laje (minimizando os efeitos de insolação) e a definição da configuração espacial e composição da edificação conforme as condições ambientais.



Fonte: AMORIM, 2001.

Alguns arquitetos formados pela Escola de Belas Artes de Pernambuco, que tiveram como professores; Russo, Borsoi e Amorim; acabaram tendo carreiras produtivas não só no Recife, mas também em outras cidades do Nordeste, propagando e reinterpretando assim as soluções alcançadas pela arquitetura pernambucana.

Figura 10 – Residência José Macedo, 1957 – Borsoi - CE



Fonte: CAVALCANTI, 2001, p. 28.

Se a vertente carioca foi um ponto de partida inicial para a difusão e recepção da arquitetura moderna no Nordeste, a vinda de estrangeiros e a crescente influência da linha paulista tornaram este quadro ainda mais diverso e complexo. Assim não se pode resumir a produção arquitetônica nacional da época em modelos hegemônicos e generalizadores. Para entendermos o que significou a arquitetura moderna e seus matizes diversos, nas várias regiões do Brasil, devemos conhecer as especificidades locais de culturas e contextos.

Segundo Cavalcanti (2001), a linguagem modernista “clássica” está delimitada num período que vai de 1928, com a construção da casa paulistana de Gregori Warchavchik, até 1960, com a inauguração de Brasília marcando o ápice e o final dessa produção.

Entretanto, com base nos estudos apresentados no Seminário do DoCoMoMos de Pernambuco⁸ (2007) e em Segawa (1999), é plausível afirmar que a consolidação da arquitetura moderna no Nordeste acontece tardiamente, a partir da década de 1950 e a produção dessa arquitetura vai além de 1960, apresentando exemplares tardios já na década de 1970.

Através dos preceitos de Segawa (1999), que estuda os processos de constituição da arquitetura moderna brasileira em matizes diversos, caracterizando assim modernidades distintas, poderemos perceber a relevância de outras manifestações que se desenvolveram paralelamente à afirmação da arquitetura modernista no Brasil. São manifestações como o eclético, o neocolonial, o art déco e as arquiteturas “cúbicas” que exigem um novo olhar sobre as tendências e estilos arquitetônicos da época, valorizando a importância deste acervo, que também reflete as influências de movimentos na Europa e EUA, para a compreensão do movimento moderno.

Partindo desse referencial teórico analisaremos a seguir o contexto histórico no qual a arquitetura moderna chega à cidade de São Luís, percebendo os desafios enfrentados pela cidade na tentativa de se enquadrar na modernidade arquitetônica das grandes metrópoles e entendendo a importância das diferentes vertentes e estilos arquitetônicos do início do século XX.

6.1 A cidade secular em busca do ideário moderno.

O breve surto industrial têxtil vivido por São Luís na virada do século XX e financiado principalmente pelo capital das vendas de fazendas desvalorizadas pela recente abolição da escravatura, trouxe para a cidade o desejo de se tornar a *Manchester do Norte*.

Nessa época a força da economia em torno da industrialização e comercialização do algodão e do babaçu fez com que várias fábricas entrassem em atividade, como a Companhia Fabril Maranhense. Nos últimos vinte anos do século XIX, o parque fabril maranhense se tornaria um dos maiores do país.

⁸ Esses trabalhos foram discutidos no I Seminário DoCoMoMo Norte-Nordeste, realizado em Pernambuco no ano de 2006 e encontram-se compilados em: MOREIRA, Fernando (org). *Arquitetura moderna no Norte e Nordeste: universalidade e diversidade*. Recife: FASA, 2007. 392p.

Essa febre industrial tomou conta da elite econômica ludovicense, que passou a buscar avidamente todas as inovações referentes à vida moderna, como as novas tecnologias, a expansão dos meios de comunicação e os eventos da modernidade, como o automóvel, o cinema e as Exposições Universais. (PFLUEGER, 2008).

Em 1871 é realizada em São Luís a “Festa Popular do Trabalho”, que foi a primeira exposição local no molde das Exposições Universais européias. De 1871 a 1912 são realizadas quatro exposições na cidade, com o objetivo de divulgar as idéias modernas e exaltar a importância do trabalho, que era visto como um dos principais responsáveis pelo desenvolvimento da indústria.

Assim, “A instalação das fábricas e a realização das exposições foram maneiras que as elites locais encontraram de entrar no mundo moderno, aproximando o seu discurso de lugares considerados ‘mais avançados’”. (BARROS, 2001, p. 30).

As grandes exposições, o cinema⁹ e as novidades da revolução industrial vão influenciar os costumes e a arquitetura da cidade. Assim, elementos como frontões e colunatas neoclássicas, coroamentos verticais ao gosto *Decó*, e esquadrias frontais arredondadas do *Art Nouveau* eram incorporados às fachadas dos prédios coloniais da Praia Grande.

Figura 11 – Igreja da Sé com fachada original.



Fonte: MATOS, 2006.

Fonte: MATOS, 2006

Figura 12 – Igreja da Sé atual (reformada em 1922)



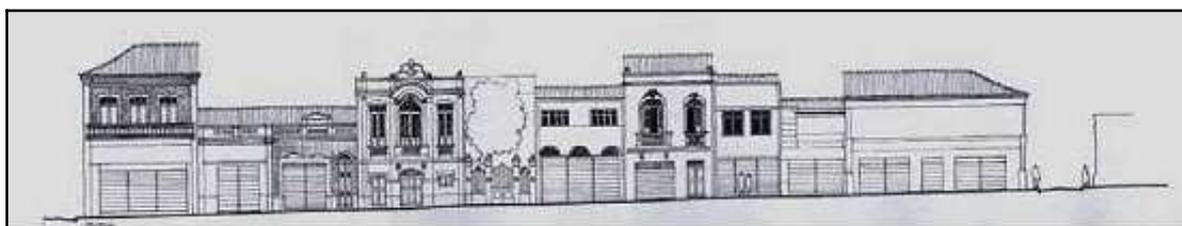
Entretanto, apesar desse sopro de modernidade, as condições de vida em São Luís no início do século não eram satisfatórias. Somente na década de 1920, com um processo de melhoramentos iniciado por Urbano Santos e continuado pelo sucessor Godofredo Viana, que

⁹ Vários cinemas foram inaugurados em São Luís no início do século XX, como o Cinematógrafo Pathé, de 1909, o Cinema Teatro São Luís em 1916, e o Cine-Teatro Édén, inaugurado em 1919, entre outros.

ocorre a modernização dos serviços¹⁰ de iluminação pública e transportes, com a inauguração do bonde elétrico em 1924.

Os melhoramentos urbanos tinham por objetivo implantar na cidade infraestrutura viária e espaços públicos adequados às novas tecnologias de serviços, de transporte – os automóveis – e de construção. Com esse mesmo espírito higienista, as edificações também vão ser adaptadas às novas condições de usos e higiene (ventilação e iluminação suficientes), por um processo conhecido como remodelação. Alguns prédios de valor histórico que sofreram essas intervenções foram: o edifício da Prefeitura e da Câmara, o Palácio do Governo do Estado e o Tribunal de Justiça, entre outros.

Figura 13 – Inserção da arquitetura eclética no conjunto colonial da Rua Grande.



Fonte: BURNETT, 2002.

Porém é somente a partir da nomeação de Paulo Martins de Sousa Ramos em 1936, como interventor federal do Maranhão, que a cidade de São Luís começa a sentir mudanças reais no seu perfil. Na sua administração, o conjunto arquitetônico e urbanístico colonial passou a ser visto como prova do atraso econômico, social e cultural da cidade, e um empecilho na busca do progresso.

Figura 14 – Vista aérea da cidade de São Luís em 1930.

¹⁰ Quem detinha a concessão desses serviços era a Companhia norte-americana Ullen Management Company. O contrato com a empresa durou 20 anos, e após 1946 foi assumido pelo Estado.



Fonte: www.skyscrapercity.com.

Assim, no intuito de conceder uma imagem moderna à capital foi implementado um Plano de Remodelação da Cidade¹¹, que possuía claras influências dos planos de reforma urbana de Haussmann (Paris) e Pereira Passos (Rio de Janeiro). Nesse sentido, além das intervenções para ligar o interior maranhense à rede ferroviária entre as capitais São Luís – Teresina, foram realizadas obras de alargamento de vias centrais e, mais significativamente, a abertura de uma avenida, a Avenida Magalhães de Almeida, que cortou a cidade no sentido norte-sul pelo largo do Carmo, demolindo vários quarteirões antigos, e criando espaço para a construção de exemplares da arquitetura Eclética e Art Decó .

Figura 15 – Vista aérea atual de trecho da Avenida Magalhães de Almeida.

¹¹ O Plano de Remodelação da Cidade foi elaborado pelo engenheiro José Otacílio de Saboya Ribeiro, indicado para a prefeitura de São Luís pelo interventor Paulo Ramos. Porém, Saboya Ribeiro acabou sendo destituído do cargo, devido a uma polêmica sobre o custo e as transformações necessárias para as obras de remodelação, e assim, boa parte do seu plano acabou sendo executado pelo seu sucessor, Pedro Neiva de Santana.



Fonte: Patrimônio Cultural Municipal.

Outra intervenção importante para a dinâmica da cidade, foi a construção da Avenida Getúlio Vargas, uma grande avenida que ligava o centro aos bairros do Monte Castelo e João Paulo. Com isso, parcela da população de alta renda, antes instalada na Praia Grande, se deslocou para a nova avenida, projetada visando melhor acesso para os carros, e nos seus arredores surgiram construções que se adequavam às novas necessidades da classe burguesa, como os bangalôs¹² e, posteriormente, algumas edificações de inspiração moderna.

Figura 16 – Bangalô situado na Av. Getúlio Vargas.



Fonte: MARQUES, 2008.

¹² Os bangalôs são casas avarandadas térreas e tem sua origem na colônia inglesa na Índia. Porém em São Luís, o termo bangalô é usado para a casa de dois pavimentos com referências ecléticas como acesso lateral e recuo frontal.

Assim podemos dizer que a arquitetura ludovicense dos fins da década de 1930 e meados dos anos 1940 sofreu reflexos dessa nova forma de pensar a cidade e também das mudanças nos hábitos de vida local.

Os ludovicenses acostumavam-se a freqüentar as matinês ou vesperais dos elegantes cinemas e a ler as últimas notícias de Hollywood, impressas semanalmente na página ‘Novidades Cinematográficas’, do Diário do Norte, convivendo com uma arquitetura inovadora para os padrões locais, o Art Decó, e com novas imagens e idéias sobre a cidade. (PFLUEGER, 2008. p. 85).

O Art Decó, com suas linhas verticais características nas fachadas e implantações em lotes de esquina, foi o estilo adotado por algumas instituições comerciais, como o Cine Roxy (1939) e o Hotel Central (1943), e institucionais, como a sede da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (1935) na Praça João Lisboa. O prédio dos Correios e Telégrafos, projetado por Rafael Galvão, fez parte de um dos mais ambiciosos projetos nacionais de normalização arquitetônica oficial, que construiu sedes regionais em várias cidades brasileiras, algumas ao gosto *Decó*, como no caso de São Luís.

Figura 17 – Cine Roxy



Fonte: Guia de Arquitetura de São Luís, 2008

Figura 18 – Hotel Central /Palácio do Comércio



Fonte: Google Imagens, 2008

Figura 19 – Prédio dos Correios e Telégrafos.



Fonte: Guia de Arquitetura de São Luís, 2008.

Na mesma época, seguindo a corrente revivalista, são construídos no centro histórico edifícios neocoloniais, estilo em voga nas obras públicas do estado e do município, como o Liceu Maranhense (1941) e a Escola Modelo Benedito Leite (1948), ambos executados pelo engenheiro civil Alexandre Bayma. Esses edifícios são releituras da arquitetura tradicional portuguesa da cidade, feitos a partir de novos materiais e com implantação diferenciada.

Desse modo, a construção de novos prédios públicos e privados aliado à adaptação de fachadas, traz novas tipologias ao conjunto colonial do Centro Histórico de São Luís, e começa a diferenciar alguns de seus setores:

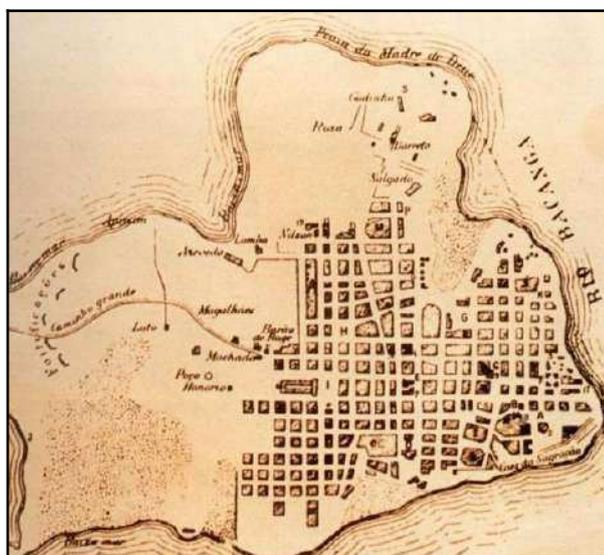
Grandes casarões do barroco pombalino do século XIX, com dois ou três pavimentos, na área de tombamento federal. Casarões e imóveis menores, em grande parte remodelados com frontões ou platibandas, na área de expansão urbana, hoje tombada pelo Departamento Histórico, Artístico e Paisagístico do Estado (DPHAP). Alguns conjuntos de bangalôs e imóveis ecléticos na área intermediária da Praça João Lisboa descendo para a Rua do Egito. Imóveis Art Decó em destaque em algumas praças e esquinas e descendo pelo eixo da Avenida Magalhães de Almeida e Rua de Santaninha. (PFLUEGER, 2008. p. 87)

Apesar de tudo, as mudanças implementadas por Paulo Ramos não foram suficientes para transformar a imagem da antiga São Luís colonial, entretanto é a partir delas que começam a ser plantados na cidade os ideais da modernidade urbana, que acabariam se manifestando, no plano arquitetônico, através das linhas ortogonais e do despojamento volumétrico de edificações residenciais e institucionais modernas que passariam a chamar atenção dentro do conjunto colonial.

6.2 As transformações urbanas e o Plano de Expansão da Cidade.

Segundo Burnett (2002) as características geográficas da cidade de São Luís, originada em um promontório na confluência dos rios Anil e Bacanga – elemento de defesa que acabou restringindo seu crescimento nas direções norte e sul –, determinaram um eixo de expansão que penetrou no território por 350 anos e que teve como padrão a urbanização tradicional.

Figura 20 – Mapa de São Luís (1844).



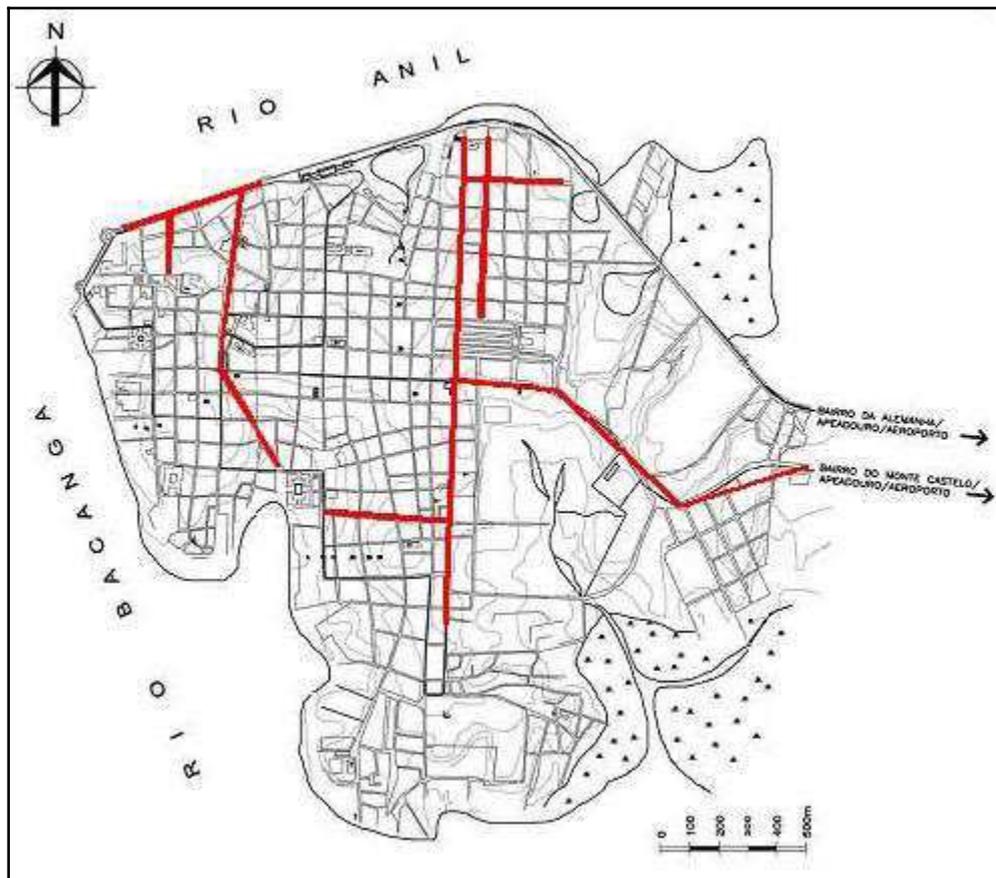
Fonte: Arquivo pessoal Grete Pflueger.

Esse padrão de urbanização se estende até o ano de 1965, quando ocorre a mudança do eixo de expansão e o início da urbanização moderna. O período de 1900 à 1965, marca a fase de integração a economia nacional e renovação urbana da cidade, quando serão plantadas as “sementes” da modernidade urbana.

Como já vimos, o tecido urbano e o conjunto arquitetônico de São Luís começam a mudar de perfil a partir da gestão de Paulo Ramos que aplica o Plano de Remodelação da Cidade com o intuito de conceder a esta uma feição mais cosmopolita.

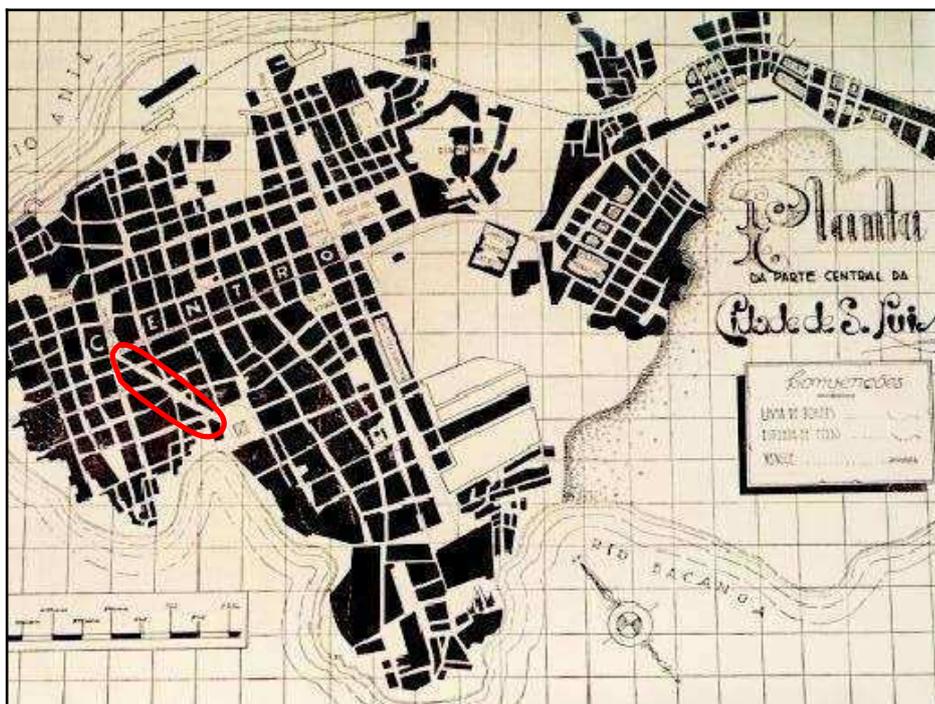
No seu governo seriam realizadas as obras da Avenida Getúlio Vargas, que consolidou o eixo de expansão urbana do Antigo Caminho Grande, e da Avenida Magalhães de Almeida, que “rasgou” o tecido incólume da cidade para inserir ali a esperada modernidade das largas avenidas.

Figura 21 – Planta de São Luís (1948): incentivo à periferização a partir do eixo da Rua Grande e da Estrada de Ferro



Fonte: BURNETT (2002).

Figura 22 – Mapa da cidade de São Luís (1950): destaque à Av. Magalhães de Almeida, em diagonal, ligando o Largo do Carmo em direção à Beira Mar.



Fonte: Álbum do Maranhão de Miécio Jorge, 1950.

Porém a novidade no plano urbanístico surgiu em 1950 com o “Plano Rodoviário da Ilha de São Luís”, de autoria do engenheiro Ruy Mesquita que, comparada com ao traçado de Frias de Mesquita - origem e vetor da cidade tradicional -, representa o plano onde será instalada a cidade moderna (BURNETT, 2002).

A década de 1950 foi marcada pela implantação de rodovias federais (Belém/Brasília) e estaduais (São Luís/ Porto Franco), o que ocasionou um aumento nas exportações e importações do Estado do Maranhão, proporcionando uma breve saída do declínio econômico experimentado até então. Segundo Lopes (2008) essas rodovias permitiram as ligações com o oeste e nordeste do Estado e a abertura de fronteiras agrícolas, com o desenvolvimento da policultura (babaçu, arroz, milho e feijão), cujo escoamento se realizava pela estrada de ferro São Luís - Teresina. Desse modo, São Luís mostrou-se como o pólo natural de atração dos movimentos migratórios iniciados nessa década:

No censo de 1950, o município de São Luís tinha 119.785 habitantes, ou seja, 40% a mais do que em 1940. A população da cidade ascendia a 79.731 habitantes, enquanto as vilas Anil e Ribamar possuíam respectivamente 8.694 e 5.339 moradores. Atualmente calcula o IBGE em 140.000 habitantes a população da Capital maranhense desde que tenha se mantido o ritmo de crescimento verificado entre 1940 e 1950 [...]. Em 1955, suas manufaturas estavam produzindo mercadorias

no valor aproximado de 600 milhões de cruzeiros. (São Luís, 10 de novembro de 1957 - Jornal do Maranhão).

As novas rodovias e o desenvolvimento de novos centros de produção agrícola e comercial no interior do Estado impulsionaram a ampliação do sistema viário urbano da capital, fato que fica bastante evidente com o prolongamento do corredor Centro-Anil, ligando bairros afastados (como Liberdade, Monte Castelo, João Paulo, Sacavém e etc.) à área central.

O final da década de 1950 trouxe consigo uma grande migração rural, expandindo a área ocupada por palafitas de população de baixa renda em terrenos ao redor dos rios Anil e Bacanga, o que resultou na criação de uma Zona Proletária e na materialização de um cinturão de pobreza em torno do centro.

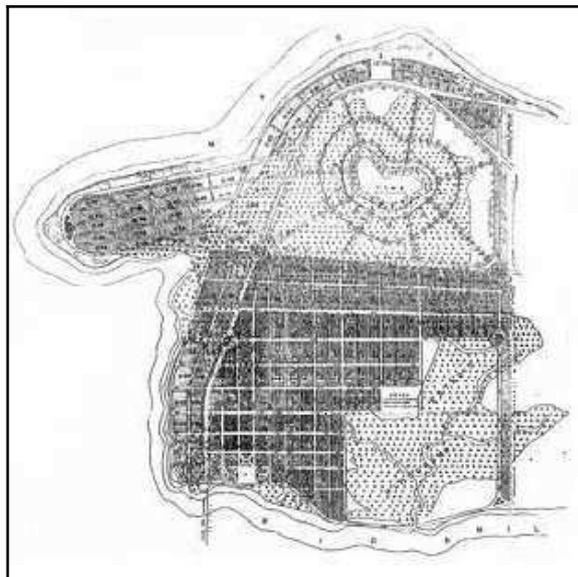
É nesse contexto de agravamento das condições de moradia que Ruy Mesquita propõe, em 1958, o Plano de Expansão da Cidade de São Luís, que ampliava e detalhava o seu Plano Rodoviário de 1950. Incorporando critérios formais do urbanismo moderno e com grande influência do projeto de Brasília, o Plano propõe a separação de funções, a segregação residencial e a descentralização do tráfego, marcando a busca pela criação da cidade moderna, que deveria se desenvolver numa região ainda inexplorada da cidade.

Apresentando-se a parte central da cidade com ruas estreitas e topografia acidentada, de difícil circulação para o tráfego, o crescimento em altura deve ser evitado para não provocar congestionamento, confusões, insegurança e conseqüentemente desvalorização dos imóveis.

O crescimento em expansão, com a finalidade de descentralizar a cidade, e, por conseguinte a circulação de veículos é o mais recomendado e é o ilimitado. É interessante observar que com a descentralização da cidade haverá uma maior concentração de atividades com o aumento da velocidade dos veículos, dando ao mesmo tempo, à São Luz, vida, beleza e proporções de uma grande metrópole. (MESQUITA, 1958, p. 07).

A proposta de Mesquita foi o primeiro estudo técnico para configuração espacial das áreas além dos rios Anil e Bacanga, e sua lógica faria com que seus princípios fossem adotados, anos depois, na elaboração do Plano Diretor de 1977.

Figura 23 – Projeto urbanístico para ocupação da



ponta de São Francisco – Ruy Mesquita, 1958.

Fonte: BURNETT, 2002.

Porém, a ocupação da ponta do São Francisco e de outras terras para a criação da nova São Luís, com amplas avenidas e altos edifícios, era um projeto financeiramente irrealizável naquela década e só iria acontecer efetivamente a partir da década de 1970 quando foi inaugurada a segunda ponte sobre o Rio Anil, em direção ao São Francisco.

6.3 A estética moderna e o conjunto colonial

Como pudemos observar, a cidade de São Luís não possuía uma forte economia local, o que, segundo Burnett (2002), impediu que grandes transformações urbanas acontecessem, e garantiu a preservação passiva de um enorme acervo arquitetônico colonial.

Apesar disso as influências do Movimento Moderno já podiam ser sentidas a partir da década de 1950 na arquitetura do centro histórico de São Luís, quando são inseridos dentro do conjunto tombado alguns edifícios modernos para abrigar algumas sedes de órgãos públicos governamentais das instituições federais (PFLUEGER, 2008). Nesse contexto, teremos como exemplos o Edifício João Goulart, na Praça Pedro Segundo; a sede do Departamento Nacional de Estradas e Rodagem (DNER), na Rua Jansen Muller; o Edifício Sulacap, na Rua de Nazaré; e o Banco do Estado do Maranhão (BEM), na Rua do Egito. Na arquitetura moderna residencial teremos como destaque o Edifício Caiçara (1964/1967), situado na Rua Grande, como o primeiro edifício moderno de apartamentos na cidade; e a obra do arquiteto Cleón Furtado, que ajudou a divulgar a arquitetura moderna na cidade através de inúmeros projetos residenciais. Alguns projetos isolados, como o Hospital Presidente Dutra, de 1950, também contribuíram para a consolidação desse tipo de arquitetura, trazendo traços da linguagem de Frank Lloyd Wright para São Luís.

São Luís, apesar de seu aspecto colonial, com ruas tortuosas e velhos sobrados, é uma cidade que se moderniza aos poucos, oferecendo-nos, através de novos edifícios e outros empreendimentos, um panorama alegre e encantador. [...] Não podemos negar, e se negarmos incorreremos numa injustiça, que a nossa cidade vem integrando-se ao progresso, já nas suas linhas arquitetônicas, já também, nos seus logradouros, como sejam a Av. Comandante Magalhães de Almeida e a Av. D. Pedro II, onde há ótimas construções, sendo que na última divisamos um belo viaduto. (CARDOSO, 1958, p. 07).

Entretanto, as reformas urbanísticas e os prédios modernos instalados no centro da cidade, apesar de serem símbolos do progresso, também significavam a descaracterização do coeso conjunto arquitetônico colonial, e o processo de expansão urbana ajudava a intensificar a descaracterização das fachadas de vários prédios históricos para a instalação de lojas na parte inferior das antigas residências. Assim, começou a surgir nesse momento uma maior preocupação com a preservação do acervo arquitetônico da cidade, com o pedido de tombamento de alguns logradouros e imóveis isolados.

Podemos analisar essa discussão entre preservação e progresso na carta enviada pela Sociedade Líbano-Maranhense, em 6 de fevereiro de 1957, para o Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão (IHGM). Nela observa-se a revolta da Sociedade Líbano-

Maranhense ao saber que seus prédios, que seriam demolidos para a construção de “arranha-céus”, haviam sido tombados pelo Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (DPHAN).

[...] Da leitura atenta do memorial incluso, colhe-se, para logo, a certeza de que a DPHAN [...] agiu impatrioticamente em São Luís ao efetivar sem prévio exame e demorado estudo o tombamento da Praça João Lisboa, o que, sem dúvida, representa absurda limitação ao embelezamento e progresso imobiliário daquele logradouro público. E certo, bem o sabemos, que o Patrimônio Histórico, artístico e tradicional de um povo deve ser preservado a todo custo. Mas, no caso vertente, o que se verifica é um inominável abuso de poder, com o adotar-se uma medida que sobre ser antipática e atentatória ao progresso da cidade, não assenta em legítimas razões históricas e estéticas. Na verdade, a Praça João Lisboa na atualidade nada encerra de portentoso em matéria de arquitetura ou arte decorativa tradicionais. Tudo ali, [...] está desfigurado, confuso, amalgamado, a ponto de não poder se reconhecer, no risco e Unha de seus edifícios, o que é fatura antiga, colonial, tradicional, e o que é moderno, recente, satisfatoriamente reformado. (IPHAN, 2006, p. 70).

O pensamento de substituição da cidade antiga pela imagem de modernidade propagada pelas grandes metrópoles do país só começa a ser realmente revertido quando a UNESCO inicia seus trabalhos sobre o acervo artístico e arquitetônico de São Luís. Na segunda visita da UNESCO à cidade¹³, em 1973, o arquiteto português Alfredo Viana de Lima demarcou os limites para área de tombamento federal e no ano seguinte o IPHAN tombou¹⁴ o conjunto histórico de São Luís.

O acervo preservado é marcado pela forte presença das correntes estilísticas ligadas ao Barroco-Pombalino, mas também se observa uma significativa quantidade dos estilos Moderno, Eclético e Popular, principalmente na área de tombamento estadual.

Figura 24 – Tabela de Caracterização do Centro Histórico de São Luís (1998).

		USO							
		Comercial	Serviços	Institucional	Industrial	Residencial Unifamiliar	Residencial Multifamiliar	Misto	Sem Uso
Federal		18,30 %	13,19 %	13,49 %	*	20,86 %	2,15 %	12,07 %	19,94 %
Estadual		20,28 %	12,85 %	3,58 %	0	53,05 %	0,51 %	3,97 %	5,76 %
		GABARITO							
		1 pavimento	2 pavim.	3 pavim.	4 pavim.	5 pavim.	6 pavim. ou +	Lote Vazio	
Federal		51 %	36 %	10 %	2 %	1 **		***	
Estadual		68,31 %	27 %	2,61 %	0,51 %	0,12 %	0,12 %	1,33 %	
		CONSERVAÇÃO							
		Ruína	Péssimo	Regular	Bom	Lote Vazio			
Federal		11 %	36 %	43 %	10 %	***			
Estadual		0,71 %	7,71 %	22,72 %	67,53 %	1,33 %			
		ESTILO ARQUITETÔNICO							
		Barroco Pombalino	Neoclássico	Moderno	Art Deco	Neocolonial	Eclético	Popular	Lote Vazio
Federal		56 %	0,5 %	16,5 %	4 %	4 %	9 %	10 %	***
Estadual		15,92 %	0	21,36	0,71 %	2,09 %	12,45 %	46,14 %	1,33 %

13

rel

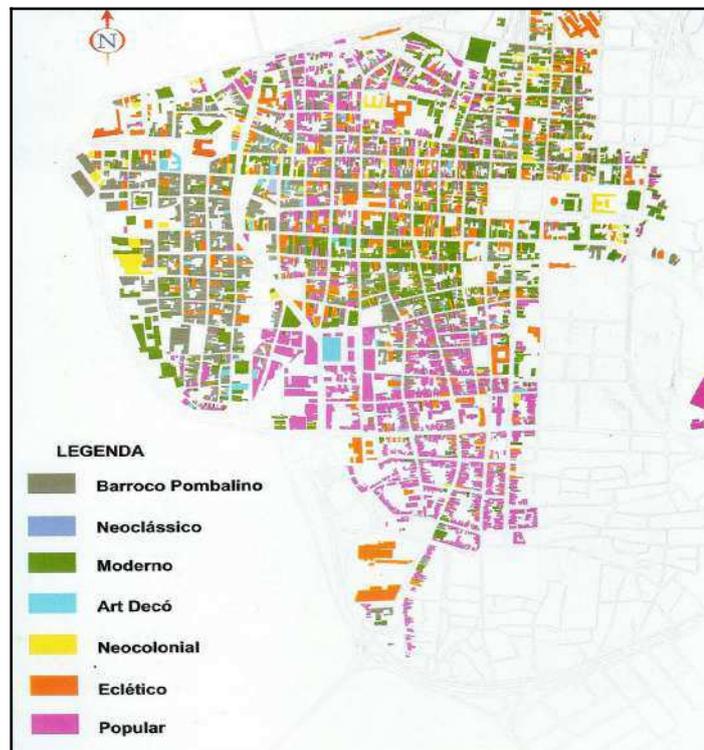
e A

14

Em 1997 a UNESCO concede a cidade o título de Patrimônio Cultural da Humanidade.

Fonte: IPHAN, 2006.

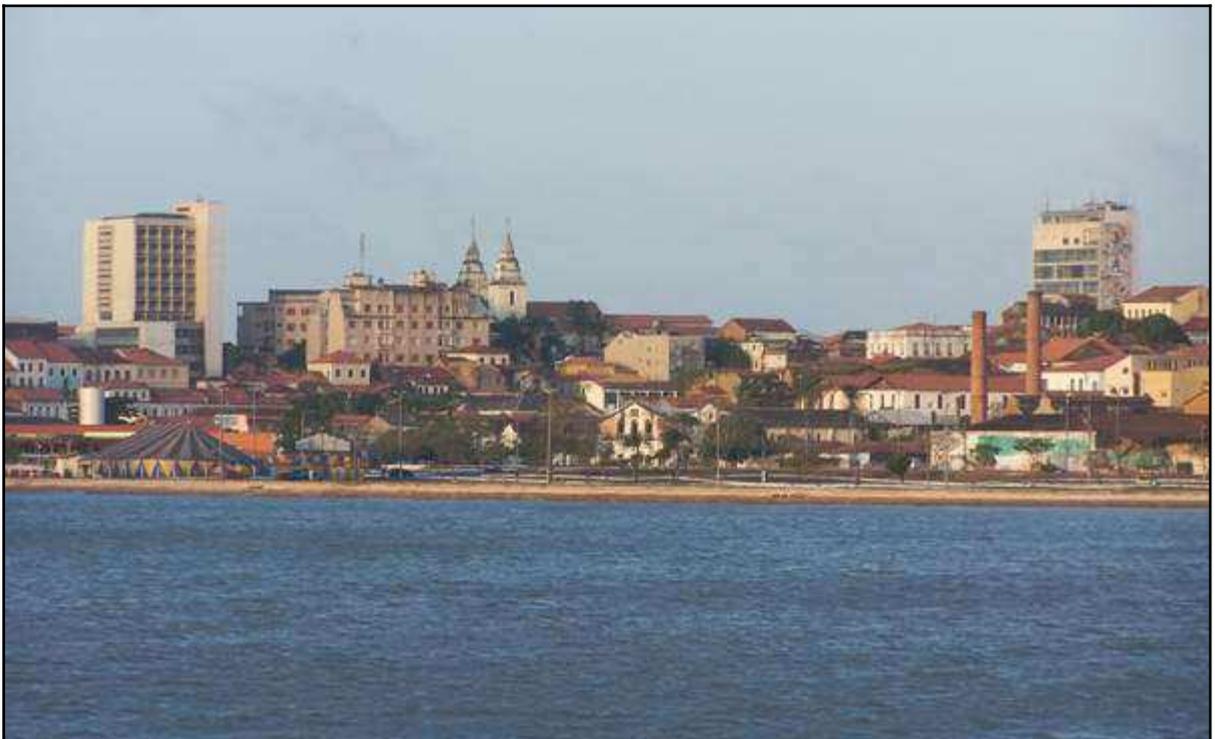
Figura 25 – Levantamento urbanístico dos estilos arquitetônicos de São Luís (1998).



Fonte: Cidades Históricas; inventário e pesquisa: São Luís.
Rio de Janeiro: IPHAN, 2006, 570p.

Desse modo, os exemplares modernos inseridos dentro do tecido histórico do centro se destacaram como expressão de uma nova linguagem, uma nova racionalidade, e se tornaram uma forte referência para a arquitetura vernácula do entorno que passou a reproduzir elementos e técnicas construtivas modernas em pequenas residências.

Figura 26 – Skyline do centro histórico de São Luís, com destaque para as edificações modernas.



Fonte: Grete Plueger (2008).



a.

Fonte: Deivyd Cavalcante, 2008.

7 SÍMBOLOS DO MODERNO NA CIDADE

7.1 Hospital Presidente Dutra

A construção do Hospital Presidente Dutra foi iniciada no ano de 1950, durante o governo do Marechal Eurico Gaspar Dutra, e segundo dados extraídos do Jornal “O Imparcial” de 30 de julho de 1950, a firma responsável pela sua construção foi Cumplido, Santiago & Cia e o engenheiro e superintendente da obra foram, respectivamente, Antônio Alexandre Bayma e Luiz Passos.

Figura 28 – Perspectiva frontal do Hospital Presidente Dutra.



Fonte: Albúm Miécio Jorge, 1950

O hospital, localizado na Rua Barão de Itapary (Centro), foi uma obra magistral para a cidade na época e serviria inicialmente para beneficiar os associados dos Institutos de Previdência, uma vez que sua construção foi uma iniciativa do Instituto de Pensão e Aposentadoria dos Comerciantes (IAPC).

[...] Abrangerá a construção cerca de 10 mil metros quadrados, tendo o hospital lotação para 501 pessoas. O número de leitos poderá ser aumentado para 312.[...]. O hospital terá um pavimento com instalações destinadas a doentes atacados de moléstias transmissíveis, dispendo de ar-condicionado. Também três salas estarão destinadas a operações sendo uma unicamente para partos. O acesso aos diferentes pavimentos é feito por rampas, havendo ainda dois elevadores, um para serviço interno, e dois para o público. Finalmente quanto aos serviços de luz, que será próprio, e as instalações para abastecimentos d'água, serão o que há de mais moderno e eficiente. Como se vê, o Hospital Presidente Dutra constituirá realização do maior significado para o norte e nordeste do país, beneficiando aos associados de todos os Institutos de Previdência. (COLOCADA. O Imparcial, 1950. p. 02)

A inauguração oficial¹⁵ do Presidente Dutra ocorreu em janeiro de 1958, pelo Presidente Juscelino Kubitschek (Jornal A Tarde – 01.01.1958), porém, o primeiro pavilhão do edifício já havia sido entregue desde o final de 1957 para o funcionamento provisório da Faculdade de Ciências Médicas do Maranhão (SEDE. Jornal do Maranhão. 25.12.1957, p. 05).

Figura 29 – Perspectiva aérea do Hospital Presidente Dutra.



Fonte: Jornal “O Imparcial”, de 30 de julho de 1950.

Figura 30 - Telhados do Hospital Presidente Dutra.



¹⁵ Segundo dados o inaugurado diversas inaugurado do país no site oficial do H

Presidente Dutra foi ã de o “hospital mais Quadros, como consta

Fonte: Arquivo pessoal Grete Pflueger

O hospital, que atualmente destina todos seus leitos para os usuários do Sistema Único de Saúde, foi cedido à Universidade Federal do Maranhão (UFMA) em 1991, passando a compor juntamente com o Hospital Materno Infantil o complexo hospitalar da Universidade Federal do Maranhão (HU-UFMA), e confirmando assim, sua vocação para o ensino, pesquisa e extensão.

Figura 31 – Vista frontal do Hospital Presidente Dutra.



Fonte: Deivyd Cavalcante, 2008.

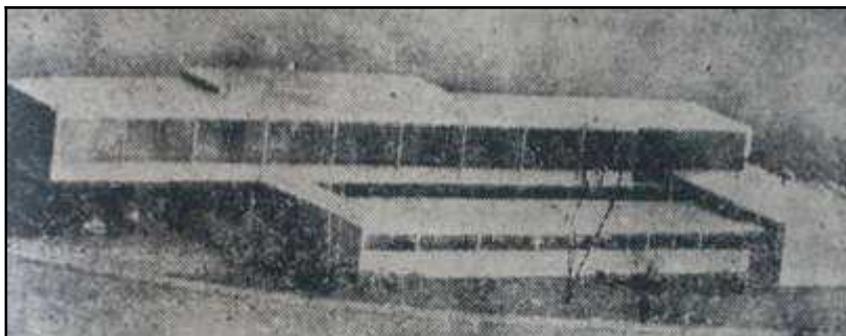
Ao observarmos o prédio do Hospital Presidente Dutra, encontramos claras referências à arquitetura orgânica de Frank Lloyd Wright, que acreditava que os edifícios influenciavam a qualidade de vida das pessoas que ali residiam ou trabalhavam, tendo que ser adequado assim ao seu espaço, seu tempo e seu homem. Essas referências podem ser sentidas

nos planos de telhados superpostos, na acentuação das linhas horizontais e na tentativa de integração do edifício com a natureza. Outras características modernas como o uso de pilotis e o revestimento em pastilhas também podem ser notados na fachada do edifício.

7.2 Departamento Nacional de Estradas e Rodagem (DNER)

O edifício do Departamento Nacional de Estradas e Rodagem (DNER), também conhecido como Edifício Edmundo Régis Bittencourt teve suas obras iniciadas em 1957, durante a gestão do Engenheiro Régis Bittencourt na diretoria geral do DNER, e foi inaugurado em setembro de 1958 na Rua Jansen Muller (Centro).

Figura 32 – Maquete do edifício do DNER.



Fonte: Jornal A Tarde, de 12 de novembro de 1957.

Segundo dados colhidos em reportagem do Jornal Diário da Manhã de 18 de março de 1959, a obra foi iniciativa do engenheiro-chefe do DNER-MA na época, o baiano Fernando Xavier de Sousa, tendo sido projetada pelos arquitetos Philúvio de Cerqueira Filho e Haskell Galtman.

Figura 33 – Foto do edifício do DNER.



Fonte: Jornal Diário da Manhã, de 18 de março de 1959.

O imóvel que inicialmente ocupava somente um lote teve sua área aumentada com a anexação em 1958 de dois lotes vizinhos, onde foram construídos, durante a década de 1960, um laboratório e uma oficina mecânica. Esta oficina teve suas instalações elétricas e hidráulicas revistas em 2006, parte de uma reforma que ampliou o auditório e trocou os pisos do prédio principal, para ser entregue à Marinha Mercadante e Polícia Rodoviária Federal. Atualmente tanto esse anexo quanto o laboratório encontram-se desativados.

Com a lei 10.233 de 05 de junho de 2001 o sistema de transportes terrestre e aquaviário do Brasil é todo reestruturado e assim o antigo Departamento Nacional de Estradas de Rodagem (DNER) é extinto, sendo substituído pelo Departamento Nacional de Infra-Estrutura de Transportes (DNIT), que passa a funcionar no mesmo local do seu antecessor.

Figura 34 – DNIT/MA



Fonte: Deivyd Cavalcante, 2008.

Figura 35 – Vista do DNIT/MA a partir do prédio do Laborarte



Deivyd

Fonte:

Cavalcante, 2008.

O edifício do DNER apresenta formas e volumes tipicamente modernos, com a utilização de blocos horizontais de concreto e vidro, linguagem que pode ser encontrada em obras de vários arquitetos da época, inclusive em Niemeyer, além da utilização de pilotis e elementos vazados.

Figura 36 – Palácio das Indústrias no Parque do Ibirapuera - Niemeyer, 1955.

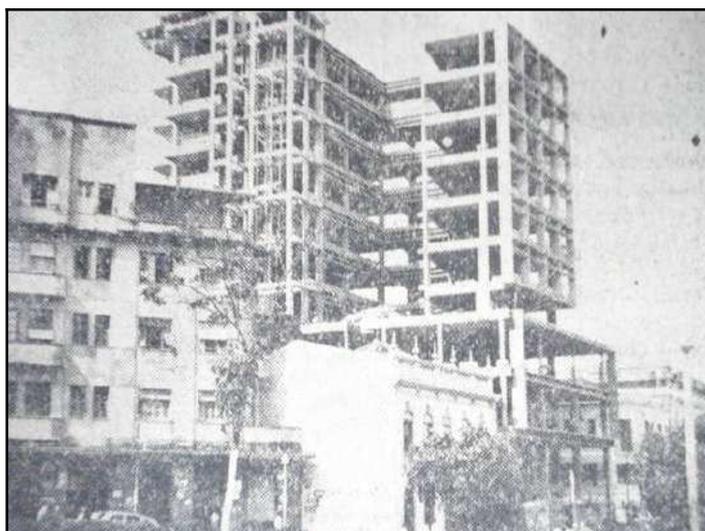


Fonte: CAVALCANTI, 2001

7.3 Edifício João Goulart

O edifício João Goulart, localizado na Avenida Pedro II (Centro), foi construído com recursos públicos para ser sede da delegacia regional do Instituto de Aposentados e Pensão Industrial (IAPI) ¹⁶. No local de sua construção existiam dois pequenos sobrados, pertencentes ao Sr. Agostinho de Pinho Jorge, que foram desapropriados pelo Governo do Estado em julho de 1941.

Figura 37 – Edifício João Goulart em construção.



Manhã, de 29 de julho de 1958.

Fonte: Jornal Diário da

Porém a construção do edifício só teve início anos depois desse episódio, tendo sido anunciada em 17 de dezembro de 1957, e provavelmente concluída em meados de 1959, conforme noticiou o Jornal Diário da Manhã de 03 de fevereiro de 1959. Segundo dados do mesmo jornal, podemos constatar que a construtora responsável pela obra, projetada pelo arquiteto Pedro Alcântara, foi a Construtora Caiçara Ltda., que posteriormente construiria outro marco arquitetônico do esforço de modernização da cidade – o Edifício Caiçara.

São Luís, em meio aos sobradões coloniais oferece agora uma dimensão arquitetônica moderna, a quem à visita. E nessa dimensão se sobressai o grande edifício do IAPI, que está sendo construído dentro de um prazo mínimo pela Construtora Caiçara Ltda. [...]. Este edifício é o mais alto que temos no Estado e obedece um projeto admirável, que vem sendo executado com a máxima eficiência pela 'Caiçara' [...]. O engenheiro auxiliar da obra é Dr. Eduardo Tôres Lopes e à frente do escritório, como chefe, se encontra o Dr. Samuel Dória. (CONSTRUTORA. Jornal Diário da Manhã. 3 fev. 1959, p. 05)

¹⁶ O IAPI foi criado em 1936, durante o Estado Novo e, depois de 1945, expandiu suas áreas de atuação, passando a financiar principalmente projetos de habitação popular em grandes cidades.

De fato, o edifício João Goulart¹⁷ representou um marco no centro histórico da cidade, destacando-se em seu logradouro pela arquitetura de linhas modernas e pela altura (13 pavimentos, sendo dois subsolos e uma casa de máquinas) chegando a ser anunciado assim como “o primeiro arranha-céu maranhense” (HOSPITAL. Jornal Á Tarde. 29.01.1958).

Figura 38 – Edifício João Goulart



Cavalcante, 2008.

Fonte: Deivyd

Edificação formada pela superposição de diferentes volumes que se integram através de uma linguagem assinalada pelo compasso das esquadrias de alumínio e vidro, intercaladas por elementos verticais, o João Goulart é um importante exemplar moderno ludovicense, que conta com a presença de pilotis na fachada e revestimento cerâmico.

Com a sanção do Decreto nº. 99.350, de 27 de julho de 1990, ficou regulamentada a criação do Instituto Nacional do Seguro Social - INSS, mediante a fusão do extintos Instituto Nacional de Previdência Social (INPS)¹⁸ e do Instituto de Administração Financeira da Previdência e Assistência Social (IAPAS), e com isso o edifício sede do extinto IAPI passa a pertencer ao INSS, nutrindo assim o desejo de que o Ed. João Goulart passasse a ser a sede da Superintendência do INSS no Maranhão.

¹⁷ Durante a década de 1960 a TV Difusora funcionava no 9º andar do Ed. João Goulart.

¹⁸ Criado em 1966, unificou os Institutos de Aposentadoria e Pensão (IAPs).

Entretanto, devido a desavenças entre a contratante e a contratada da obra durante o processo de reformas no João Goulart para instalação da futura sede do INSS/MA, em 1997, a obra acabou sendo embargada, deixando o prédio em situação de abandono até os dias de hoje.

Figura 39 – Degradação do Edifício João Goulart



Deivyd
Cavalcante, 2008.

Fonte:

7.4 Edifício sede do Banco do Estado do Maranhão

Inaugurado¹⁹ na década de 1960, durante o governo de Newton Bello, e localizado no cruzamento da Rua dos Afogados com a Rua do Egito, esse edifício serviu como sede para o Banco do Estado do Maranhão (BEM), e possuía um restaurante na sua cobertura, com vista panorâmica para a Baía de São Marcos. Atualmente o edifício pertence ao Banco Bradesco, que comprou o BEM num leilão promovido pelo governo federal, em fevereiro de 2004.

¹⁹ Informação obtida com o arquiteto Cleón Furtado, que trabalhou como chefe de engenharia do BEM durante vinte e oito anos.

Figura 40 – Foto antiga do Edifício do BEM.



Fonte: BARROS, 2001.

Figura 41 – Foto atual do Edifício do BEM.



Fonte: Deivyd Cavalcante, 2008.

O edifício possui onze andares e um subsolo, sendo que do subsolo até o primeiro pavimento superior as paredes apresentam um acabamento diferenciado dos outros andares, possuindo revestimento em pastilhas cerâmicas verdes e colunas revestidas com chapa de aço inox. O restante dos pavimentos possui revestimento cerâmico na cor bege e pintura acrílica branca na fachada posterior.

Em 1987, a lateral esquerda do prédio do BEM recebe um grande painel de azulejos, inspirado em figuras típicas da cultura popular do Maranhão, de autoria do artista maranhense, Antônio Almeida, que um ano antes havia sido eleito membro da Academia Maranhense de Letras (AML) por reconhecimento à sua contribuição nas artes plásticas.

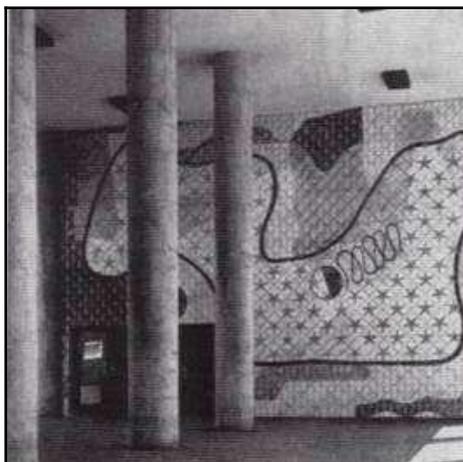
Figura 42 – Painel de Azulejos do edifício do BEM.



Fonte: Deivyd Cavalcante, 2008.

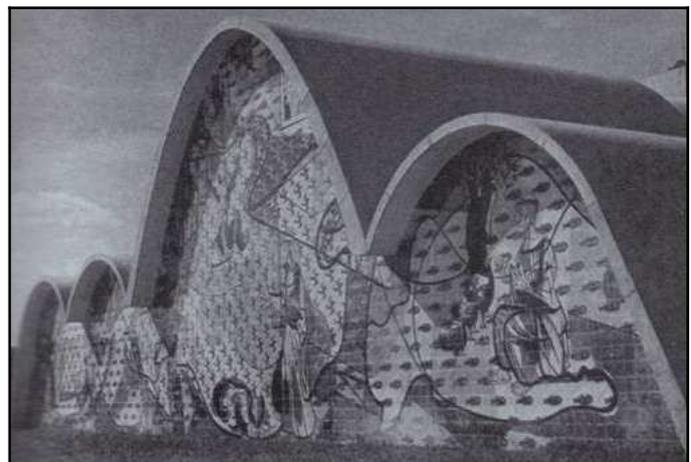
O painel de azulejos decorativos é um recurso reconhecido da Arquitetura Moderna Brasileira, tendo sido utilizado em obras famosas como o prédio do MES e a Igreja de Pampulha.

Figura 43 – Painel de Portinari para o MES.



Fonte: CAVALCANTI, 2001.
Fonte: CAVALCANTI, 2001.

Figura 44 – Painel de Portinari para Igreja da Pampulha.

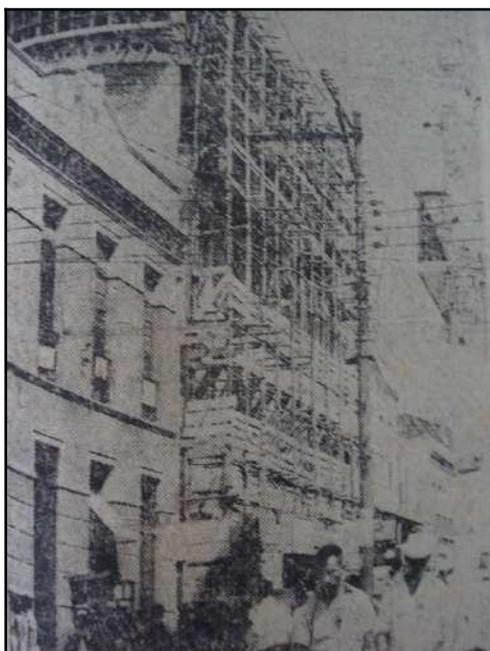


7.5 Edifício Sulacap

A história do edifício Sulacap nos remete a história da empresa de investimentos Sulamérica Capitalização (Sulacap) que empreendeu vários edifícios comerciais de alto padrão e linhas modernas em diversas cidades do país – Rio de Janeiro, São Paulo, Santos, Salvador, Belo Horizonte e etc. – a partir da segunda metade dos anos 1930, geralmente empregando profissionais do Rio de Janeiro para projetá-los (SEGAWA, 1999).

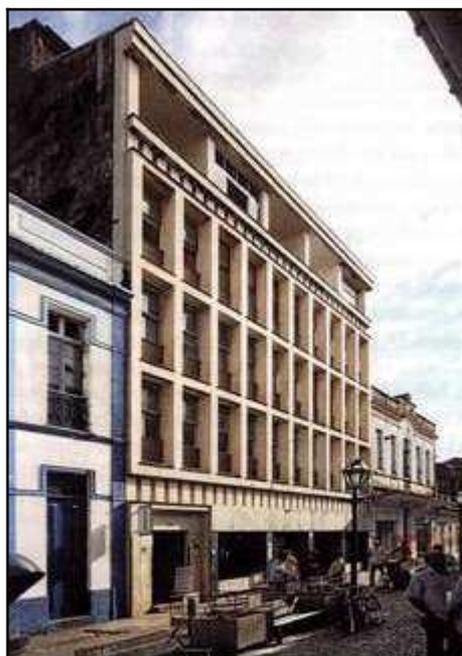
São Luís também foi uma das capitais onde a Sulamérica Capitalização marcou presença. Porém a sua construção foi tardia em relação às outras cidades onde essa empresa se instalou, acontecendo somente nos finais da década de 1950, pois segundo uma reportagem do Jornal Diário da Manhã, de 29 de julho de 1958, que acompanhava fotos do Sulacap e do João Goulart, podemos perceber que ambos ainda se apresentavam em fase de construção naquela época.

Figura 45 – Construção do Edifício Sulacap.



Fonte: Jornal Diário da Manhã. 29.06.1958

Figura 46 – Edifício Sulacap, 2008.



Fonte: Guia de Arquitetura de São Luís, 2008.

Enquanto os primeiros edifícios do Sulacap (como os localizados no Rio de Janeiro, em São Paulo e Santos), geralmente apresentavam uma linguagem tipicamente *Art Decó*, com implantações em lotes de esquina, no Sulacap de São Luís, construído em uma época posterior, podemos perceber traços mais modernos, com marcantes linhas verticais e horizontais compondo um formato quadriculado na fachada, que protege as esquadrias – de

alumínio e vidro – da exposição solar. Apresenta cinco andares, sendo que o último possui uma modulação diferenciada dos demais, com colunas mais espaçadas servindo como elemento de separação das janelas. O Sulacap maranhense possui ainda duas faixas horizontais com frisos verticais – uma acima do pavimento térreo e outra abaixo do quinto pavimento – talvez resquícios de uma vertente *Decó*.

Figura 47 – Edifício Sulacap de Santos, do Rio de Janeiro e de São Paulo, respectivamente.



Fonte: www.novomilenio.inf.br

7.6 Edifício Caiçara

O edifício Caiçara é um edifício de uso misto, com dez pavimentos residenciais e uma área de pilotis, que serve como uma galeria de lojas. Ele teve suas obras iniciadas²⁰ nos fins de 1962, pela Construtora Caiçara, no mesmo terreno da Rua Grande antes ocupado pela Igreja de Nossa Senhora da Conceição dos Mulatos, demolida em 1939, por causa da proximidade do bonde elétrico.

Além do fato de ocupar um terreno antes pertencente a uma igreja, o edifício também causou controvérsias por representar uma nova tipologia arquitetônica, o edifício de apartamentos, trazendo um novo modo de morar a uma cidade habituada as residências tipicamente horizontais.

Figura 48 – Igreja de N. Sra. da Conceição dos Mulatos.

Figura 49 – Edifício Caiçara.

²⁰ Segundo dados extraídos da monografia de FIGUEIREDO (2006).



Fonte: IPHAN, 2006



Fonte: Deivyd Cavalcante, 2008.

Figura 50 – Galeria do Edifício Caiçara.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2008.

O edifício Caiçara apresenta linhas modernas, possuindo frente e laterais revestidas de pastilhas, estrutura em concreto armado, pilotis e esquadrias de correr em metal e vidro incolor.

Exercendo ainda as mesmas funções da data de sua construção, e conservando um bom grau de aprovação pelos seus moradores (FIGUEIREDO, 2006), o edifício Caiçara é um marco nas experiências de sociabilidade e arquitetura moderna em São Luís.

7.7 As casas de Cleón Furtado

A inovação e ousadia das formas nas casas projetadas por Cleón Furtado²¹ consolidaram a arquitetura moderna residencial em São Luís. Nascido em 1929, na cidade de São Luís - MA, Cleón Furtado estudou arquitetura no Mackenzie College de São Paulo entre 1950 e 1955, voltando para sua cidade natal depois da conclusão do curso. Assim sua arquitetura teve influências da vertente paulista, na figura de Rino Levi e Oswaldo Bratke e também da vertente carioca de Lúcio Costa e Niemeyer.

Na sua arquitetura podemos encontrar elementos característicos do movimento moderno como a laje plana inclinada, a planta livre, os pilotis e os elementos vazados. Algumas de suas casas, como a residência Armando Castro e a residência Ruy Dias de Sousa, traduzem bem os conceitos do modernismo, principalmente da vertente paulista.

Figura 51 – Residência Armando Castro.

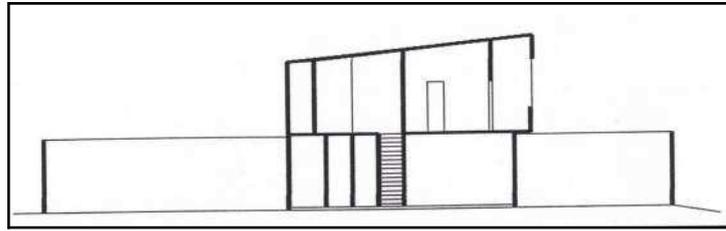


Fonte: MARTINS (2006).

Assim, na residência Armando Castro, de 1959, localizada na Praça Duque de Caxias no Monte Castelo, encontramos a laje plana inclinada, recurso consagrado do modernismo e também utilizado por Vilanova Artigas na sua própria casa.

²¹ Para saber mais sobre a arquitetura de Cleón Furtado consultar monografia de MARTINS (2006).

Figura 52 – Corte esquemático da Residência Armando Castro.



Fonte: MARTINS (2006).

Figura 53 – Corte esquemático da Residência do arquiteto Vilanova Artigas.



Fonte: CAVALCANTI (2001).

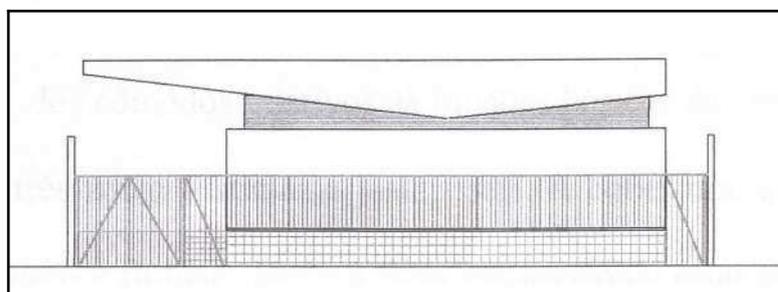
Já na residência Ruy Dias de Sousa, de 1972, observamos características como a fachada cega revestida de pedras brutas, servindo para proteger das incidências solares, laje em balanço e a incorporação do pátio interno. O revestimento em pedras brutas é um elemento característico da linha “brutalista” da arquitetura paulistana, e a incorporação do pátio interno, permitindo aeração dos ambientes, é um recurso freqüente na produção de Rino Levi.

Figura 54 – Residência Ruy Dias de Sousa.



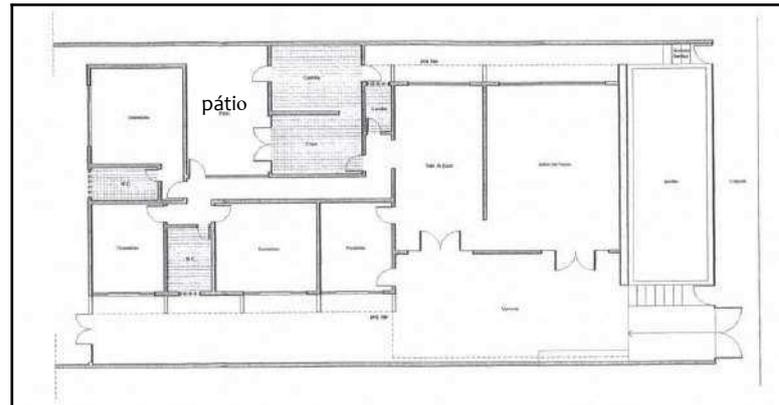
Fonte: MARTINS (2006).

Figura 55 – Fachada da residência Ruy Dias de Sousa.



Fonte: MARTINS (2006).

Figura 56 – Projeto da residência Ruy Dias de Sousa.



Fonte: MARTINS (2006).

Figura 57 – Projeto da residência do arquiteto Rino Levi.



Fonte: CAVALCANTI (2001).

Cleón Furtado, hoje aposentado, deixou sua marca na história da arquitetura ludovicense através de seus vários projetos residenciais espalhados ao longo da Avenida Beira-Mar, no Bairro do Apicum, na Avenida Getúlio Vargas, dentre outros.

8 EDIFÍCIOS MODERNOS DE MORTE PREMATURA

Amorim (2007), no livro intitulado *Obituário Arquitetônico: Pernambuco Modernista*, nos fala sobre as diferentes mortes na arquitetura. Segundo o autor, o conceito de

óbito arquitetônico pode ser entendido como o desaparecimento do corpo edilício em sua totalidade ou em suas partes.

Durante a realização da pesquisa nos jornais²² sobre arquitetura moderna em São Luís, foram encontrados anúncios de construção de projetos modernos que acabaram não sendo realizados, apesar de constar em notícia de jornal, que alguns tiveram suas obras iniciadas. Não se sabe exatamente o porquê desses projetos terem sido abandonados ainda no papel, porém o conhecimento dessas iniciativas é relevante para a construção da identidade arquitetônica da cidade na época.

Assim, apesar de Amorim (2007) trabalhar com o óbito como desaparecimento de corpos arquitetônicos, o desaparecimento de projetos arquitetônicos pelo fato de não terem conseguido se materializar, fazendo com que idéias pouco divulgadas fossem arquivadas, é igualmente danoso.

A arquitetura projetada é, seguramente, mais volumosa do que a arquitetura construída. Se arquitetos divulgassem seus projetos frustrados com o mesmo cuidado que se referem às suas obras de reconhecido sucesso, teríamos uma idéia mais clara da enorme aventura que é a concepção de edificações, cidades e paisagens para o usufruto humano. (AMORIM, 2007, p. 26)

No conceito de Amorim (2007) sobre as mortes arquitetônicas, identifica-se a morte prematura, como sendo aquela que acontece antes mesmo da arquitetura se tornar plena em forma. Desse modo, se estendermos um pouco mais o seu conceito; poderemos supor que essa morte, aborda a arquitetura projetada, que também nunca chegou a se tornar “plena em forma”.

Partindo dessa premissa, analisaremos a seguir obras inéditas, “abortadas” num espaço de tempo tão rápido, que delas só restaram algumas páginas anunciando suas respectivas construções em jornais.

8.1 Sede do Centro SESC – SENAC

O edificio sede do centro SESC – SENAC ficaria localizado no Parque Urbano Santos (Centro) e serviria para abrigar cursos das duas entidades. Segundo reportagem do

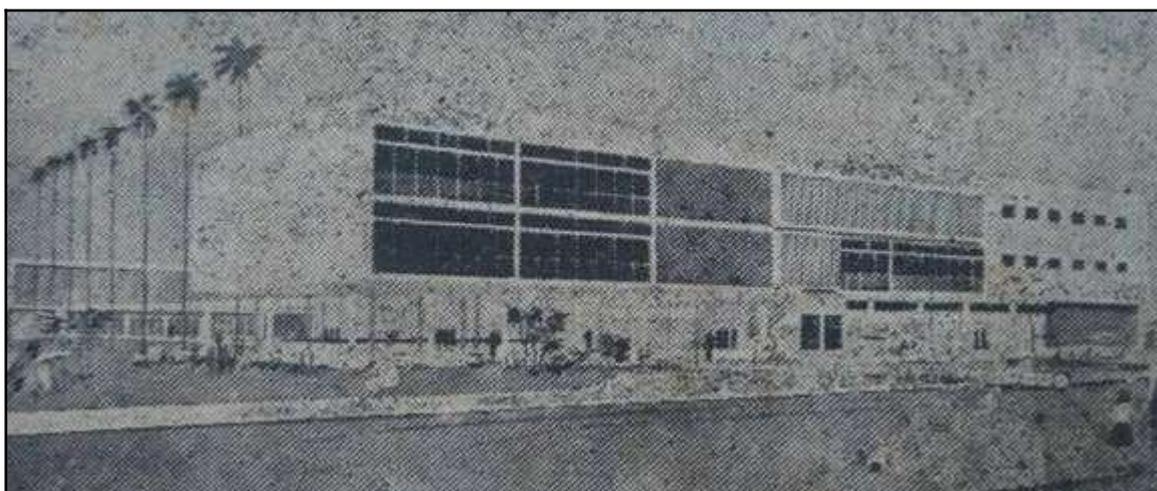
²² Pesquisa feita no setor de obras raras da Biblioteca Pública Benedito Leite. Para conhecer os jornais pesquisados, olhar a seção ANEXOS.

Jornal do Maranhão de 25 de dezembro de 1957, a pedra fundamental deste edifício já havia sido lançada desde outubro do mesmo ano:

Acontecimento digno de nota, ocorreu em 30 de outubro último, com o lançamento da pedra fundamental do edifício sede do Centro SESC – SENAC (...). O Dr. Prefeito Municipal de São Luís usando da palavra, acentuou a sua satisfação em colaborar com o SESC e com a cidade que seria enriquecida com um belíssimo edifício de linhas modernas. (SEDE. Jornal do Maranhão, 1957, p. 05).

Ao observarmos a foto do projeto do edifício, de autoria de João Itapary (TERÃO. “O Imparcial”, 1958), poderemos perceber que este realmente aparentava obedecer várias características modernas como o uso de pilotis, as janelas em fita, as linhas ortogonais e também estruturas que parecem ser *brises soleis* verticais.

Figura 58 – Projeto do edifício sede do centro SESC – SENAC.



Fonte: Jornal do Maranhão, de 25 de dezembro de 1957.

O edifício SESC – SENAC teria no pavimento térreo, recreação para adultos e crianças além de um parque infantil; enquanto no primeiro pavimento funcionariam os cursos do SENAC e no segundo pavimento os cursos do SESC e a administração.

Conforme noticiou a reportagem de 18 de janeiro de 1958 do Jornal “O Imparcial”, as obras do edifício teriam início exatamente nesse dia a partir das 9:00 horas, e a construtora responsável pelo empreendimento seria a Construtora Ecra Ltda., de Fortaleza.

Assinalando a passagem do Presidente da República, Dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira, terão início hoje às 9 horas, as obras do majestoso edifício sede do Centro SESC – SENAC [...]. A construção do magnífico edifício que terá três pavimentos, estará a cargo da Construtora Ecra Limitada, de Fortaleza,[...] tendo como técnico

responsável o Dr. Tarcísio Ferreira e como engenheiro fiscal da parte do Sesc, o Dr. Almir de Aguiar Marques. (TERÃO. “O Imparcial”, 1958, p. 05).

Apesar do início da construção do edifício ter sido anunciada, não constam hoje no corpo da cidade indícios dessa obra. Não foi possível precisar se esta nunca chegou realmente a acontecer ou se “abortada” ainda no início teve seus remanescentes demolidos para dar lugar a alguma nova construção.

8.2 Santuário no Bairro de Fátima

Segundo dados apurados em reportagem do Jornal do Maranhão de 19 de fevereiro de 1961, estava prevista a construção de um belo santuário no Bairro de Fátima, projetado pelo engenheiro Júlio Gomes²³, que também seria o responsável por sua construção.

As fotos dessa reportagem chamam a atenção do leitor para três pontos dignos de serem demoradamente encarados: 1) A planta original, de bela estética em estilo moderno, idealizada e desenhada pelo talentoso Sr. Júlio Gomes, a quem está confiada a construção do templo. (AS FOTOS. Jornal do Maranhão, 1961, p. 04.).

Figura 59 – Projeto do Santuário.



Fonte: Jornal do Maranhão, de 19 de fevereiro de 1961.

Pela imagem do projeto podemos perceber que se trataria de uma edificação com características modernas, com a utilização dos panos de vidros como contraponto as estruturas de concreto, a criação de diferentes volumes geométricos e a abolição dos ornamentos, apesar de se tratar de uma igreja

²³ Júlio Gomes também projetou o Clube Litero.

8.3 Cine Teatro São Luís

O projeto do Cine Teatro São Luís visava suprir a demanda por um cinema amplo e moderno no centro histórico da cidade, visto que muitos habitantes dessa localidade se deslocavam ao Bairro do Monte Castelo para assistir filmes no Cine Monte Castelo, um dos mais recentes cinemas da época.

Previsto para ser construído na Rua Nina Rodrigues (Centro), no prédio onde se encontrava instalada a delegacia do IAPC, o empreendimento tinha como administrador o Sr. José Abrahão Duailibe e teria suas obras realizadas pela Construtora Caiçara, que iniciaria a construção do prédio do Cine Teatro São Luís em janeiro de 1962, segundo consta em reportagem do Jornal de 26 de outubro de 1961.

Entrevista com o administrador do empreendimento, Sr. Duailibe:

DM – Em quanto está orçada a obra?

JD – Com todos requisitos do modernismo e da técnica cinematográfica inclusive luz própria. Ficarà o cinema concluído por mais ou menos 70 milhões de cruzeiros.

DM – Quando pretende iniciar as obras?

JD – Em janeiro de 1962.

DM – Qual a construtora que se encarregará da obra?

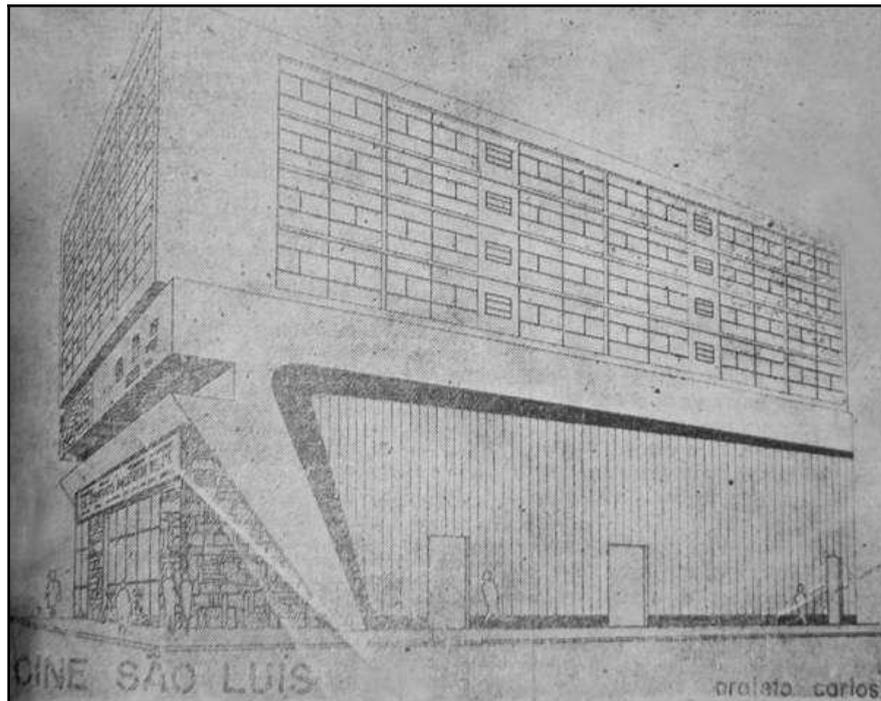
JD – Solicitamos a Construtora Caiçara Ltda.

DM – Qual o prazo previsto para conclusão da obra?

JD – Muito embora a empresa construtora não tenha dado oficialmente o prazo, porém nos garantiu o término em 15 meses.

(SERÁ. Jornal Diário da Manhã, 1961, p. 03).

Figura 60 – Projeto do Cine Teatro São Luís.



Fonte: Jornal Diário da Manhã, de 26 de outubro de 1961.

Através da observação da imagem do projeto percebe-se que este seria um edifício de linhas modernas, apresentando características como traços ortogonais, janelas em fita, e supostamente a utilização de materiais como concreto e vidro.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como aconteceu em várias partes do Brasil, a arquitetura moderna foi inserida em São Luís com o intuito de conferir uma imagem de modernidade à cidade, o que fez com que, nesse caso, o tradicional e o moderno passassem a conviver lado a lado numa região antes marcada quase exclusivamente pela arquitetura colonial portuguesa.

Atualmente, a importância da pesquisa sobre a arquitetura do século XX no Brasil vem aumentando cada vez mais, com um número crescente de trabalhos que resgatam a arquitetura moderna, analisando suas obras e profissionais significativos, em diversas regiões do país. Essas pesquisas têm contribuído com o entendimento da história e da dinâmica das nossas cidades e com a documentação e historiografia da arquitetura no Brasil.

Entretanto falar de preservação arquitetônica de obras modernas ainda é um assunto complicado num país como o Brasil, que continua se considerando “jovem” apesar dos seus quinhentos e oito anos de história, pois esse acervo não é habitualmente pensado como patrimônio.

Em cidades mais periféricas, principalmente as localizadas nas regiões Norte e Nordeste, onde a arquitetura moderna se consolidou somente a partir da década de 1950, se torna mais difícil ainda tratar do tema da preservação do acervo moderno. Soma-se a isso o fato de São Luís ser uma cidade reconhecida como patrimônio da humanidade pelo seu conjunto de casarões coloniais, fazendo com que às ações de preservação e a consciência popular, voltem-se somente para a importância desse conjunto, o que aumenta o descaso dado à produção moderna na cidade.

Um descaso que não deveria acontecer, visto que boa parte da obra moderna está inserida dentro da área de tombamento estadual, o que normalmente implicaria num maior cuidado com a preservação e o registro desses imóveis.

Os exemplares modernos da capital maranhense trouxeram para o tecido histórico do centro uma nova linguagem, através das linhas ortogonais e do despojamento volumétrico de edificações residenciais e institucionais modernas, marcando assim uma nova racionalidade, que passou a servir de referência para a arquitetura vernácula do entorno.

Por isso é preciso reconhecer o valor dessa arquitetura para o entendimento da história da nossa cidade, pois só assim passaremos a entender a importância da necessidade de registros, estudos, e práticas preservacionistas voltadas para este acervo.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Luiz Manuel do Eirado. **Obituário Arquitetônico: Pernambuco modernista.** Recife, 2007. 212p.

_____. **Modernismo recifense: uma escola de arquitetura, três paradigmas e alguns paradoxos.** *Arquitextos*. [Periódico mensal de textos de arquitetura]. Maio de 2001. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq012/arq012_03.asp>. Acesso em: 05 de ago./ 2008.

ARGAN, Giulio Carlo. **Arte Moderna.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998, 689 p.

BAIRRO pobre da capital terá moderno santuário. **Jornal do Maranhão.** São Luís, 19 fev. 1961.

BARROS, Valdenira. **Imagens do Moderno em São Luís.** São Luís: [s. ed.], 2001. 88p.

BENÉVOLO, Leonardo. **História da Arquitetura Moderna.** 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1989.

BRASIL. LEI nº10.233, de 05 de junho de 2001. Dispõe sobre a reestruturação dos transportes aquaviário e terrestre, cria o Conselho Nacional de Integração de Políticas de Transporte, a Agência Nacional de Transportes Terrestres, a Agência Nacional de Transportes Aquaviários e o Departamento Nacional de Infra-Estrutura de Transportes, e dá outras providências. Brasília, 2001. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/LEIS_2001/L10233.htm>. Acesso em: 14 de set./2008.

_____. Decreto nº 99.350, de 27 de junho de 1990 - DOU DE 28/6/90 – Revogado. Cria o Instituto Nacional do Seguro Social - INSS, define sua Estrutura Básica e o Quadro Distributivo de Cargos e Funções do Grupo-Direção e Assessoramento Superiores de suas Unidades Centrais, e dá outras providências. Brasília, 1990. Disponível em: <<http://www010.dataprev.gov.br/sislex/paginas/23/1990/99350.htm>>. Acesso em: 14 de set./2008.

BRUAND, Yves. **Arquitetura Contemporânea no Brasil.** 4 ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BURNETT, Carlos Frederico Lago. Modelo de análise da urbanização de São Luís. In: BURNETT, Carlos Frederico Lago. **Além do Rio Anil, Urbanização e Desenvolvimento Sustentável: Estudo sobre a sustentabilidade dos tipos de urbanização na cidade de São Luís do Maranhão.** 2002. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano). Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Recife, 2002.

CARDOSO, Carlos. Ajudem nossa capital. **Jornal Diário da Manhã,** São Luís, 29 maio 1958, p. 07

CAVALCANTI, L. A. P. **Moderno e Brasileiro**: a história de uma nova linguagem na arquitetura (1930 - 1960). 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar editora, 2007, 230 p.

_____. **Quando o Brasil era Moderno**: Guia de arquitetura brasileira, 1928-1960. 2. ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001, 467 p.

COLOCAÇÃO da cumieira do Hospital Presidente Dutra. **Jornal O Imparcial**, São Luís, 29 jul. 1950.

COLOCADA ontem com grande solenidade, cumieira do Hospital Presidente Dutra. **Jornal O Imparcial**, São Luís, 30 jul. 1950.

COLQUHOUN, Alan. **Modernidade e tradição clássica**: ensaios sobre arquitetura 1980-1987. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

CONSTRUTORA Caiçara Ltda. dá Dimensão Moderna à S. Luís. **Jornal Diário da Manhã**, São Luís, 03 fev. 1959.

DNER –MA prepara a expansão da cidade. **Jornal Diário da Manhã**, São Luís, 01 jan. 1959.

EDIFÍCIO sede da Delegacia do IAPI. **Jornal A Tarde**, São Luís, 29 jan. 1958.

ESPÍRITO SANTO, José M. (org). **São Luís**: uma leitura da cidade. São Luís: Instituto da Cidade, 2006. 94 p.

FEITOSA, Rodrigo; PFLUEGER, Grete. O Racionalismo Europeu: Art Déco e Ecletismo, na construção da Avenida Magalhães de Almeida. In: FEITOSA, Rodrigo; PFLUEGER, Grete. Seminário DOCOMOMO N-NE, 2. **Anais**. Salvador, 2008. Desafios da Preservação: referências da arquitetura e do urbanismo modernos no Norte e no Nordeste. Salvador: CD-ROOM da Latitude 21, 2008

FIGUEIREDO, Tayana do Nascimento S. C. **Edifício João Goulart (São Luís – MA)**: uma proposta de reabilitação para condomínio residencial. 2006. Monografia (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade Estadual do Maranhão – UEMA. São Luís, 2006. 101 f.

HOSPITAL Presidente Dutra. **Jornal A Tarde**, São Luís, 29 jan. 1958.

INICIADA a construção da sede do DNER. **Jornal A Tarde**, São Luís, 12 nov. 1957.

IPHAN. **Cidades Históricas**: inventário e pesquisa. Rio de Janeiro: IPHAN, 2006. 570p.

JORGE, Miécio de Miranda. **Álbum do Maranhão – 1950**. São Luís: [s. ed.], 1950.

LE CORBUSIER. **Por uma arquitetura**. São Paulo: Perspectiva, 1989.

LOPES, José Antônio Viera. São Luís: História Urbana. In: LOPES, José Antônio Viera (org.). **São Luís – Ilha do Maranhão e Alcântara**: guia de Arquitetura e Paisagem. San Luís – Isla de Marañon y Alcântara: guia de arquitectura y paisaje. (bilíngüe). Sevilla: Consejería de Obras Públicas y Transportes – Dirección General de Arquitectura y Vivienda, 2008. p. 11 – 49.

MARQUES, Andréia M.S.; SANTOS, Célia Regina M. O caminho grande no descompasso entre o presente e o passado: O bairro do Monte Castelo na construção simbólica da realidade urbana. In: MARQUES, Andréia M.S.; SANTOS, Célia Regina M. Seminário Latino Americano de Arquitetura e Documentação. **Anais**. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

MARTINS, Marina de Miranda. **Arquitetura Residencial Modernista em São Luís**: Análise da produção do arquiteto Cleón Furtado. 2006. Monografia (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade Estadual do Maranhão – UEMA. São Luís, 2006. 51 f.

MATOS, Tátia. **Imagens da cidade**: um estudo sobre as imagens – fotografias da cidade de São Luís no século XX. 2006. Trabalho de Bolsa de iniciação científica (Curso de Arquitetura e Urbanismo). Fundação de Amparo a Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão – FAPEMA. São Luís, 2006. 48f.

MEIRELES, Mário M. **História do Maranhão**. 3. ed. São Paulo: Siciliano, 2001. 387 p. (Coleção Maranhão Sempre).

MESQUITA, Ruy Ribeiro. São Luís – Expansão e descentralização do tráfego. **Jornal O Imparcial**, São Luís, 06 jul. 1958, p. 07

MINDLIN, Henrique E. **Arquitetura moderna no Brasil**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1999. 288 p.

MORAES, Orlando. Depois de 21 anos encontro São Luís progressista e movimentada. **Jornal Diário da Manhã**, São Luís, 22 out. 1961.

MOREIRA, Fernando Diniz. Arquitetura moderna no Norte e Nordeste: uma tentativa de reconciliação. In: MOREIRA, Fernando Diniz (org.). **Arquitetura moderna no Norte e Nordeste do Brasil**: universalidade e diversidade. Recife: FASA, 2007. p.7-12

NIEMEYER, Oscar. A forma na arquitetura. 1978. In: XAVIER, Alberto (org.). **Depoimento de uma geração** – arquitetura moderna brasileira. São Paulo: Cosac & Naify, 2003. p.141-145.

PFLUEGER, Grete. Arquiteturas do séc. XX. In: LOPES, José Antônio Viera (org.). **São Luís – Ilha do Maranhão e Alcântara**: guia de Arquitetura e Paisagem. San Luís – Isla de

Marañon y Alcântara: guía de arquitectura y paisaje. (bilíngüe). Sevilla: Consejería de Obras Públicas y Transportes – Dirección General de Arquitectura y Vivienda, 2008. p. 81- 95.

SÃO Luís – 140.000 habitantes. **Jornal do Maranhão**, São Luís, 10 nov. 1957.

SEDE do Centro SESC-SENAC. **Jornal do Maranhão**, São Luís, 25 dez. 1957, p. 05.

SEDE do DNER. **Jornal Diário da Manhã**, São Luís, 18 mar. 1959.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil: 1900-1990**. 2 ed. São Paulo: EDUSP, 1999, 224 p.

SERÁ construído em São Luís o mais moderno e completo cinema. **Jornal Diário da Manhã**, São Luís, 26 out. 1961.

SOUZA DE OLIVEIRA, Etianne Alves. **Ecletismo em São Luís: Requalificação urbana da Avenida Getúlio Vargas**. 2005. Monografia (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade Estadual do Maranhão – UEMA. São Luís, 2005. 52 f.

TERÃO início hoje as obras de construção do edifício-sede do Centro Sesc- Senac. **Jornal O Imparcial**, São Luís, 18 jan. 1958.

UNDERWOOD, David Kendrick. **Oscar Niemeyer e o modernismo de formas livres no Brasil**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002. 160 p.

ANEXOS

ANEXO A - São Luís – 140. 000 habitantes

São Luís – 140. 000 habitantes

“No censo de 1950, o município de São Luís tinha 119.785 habitantes, ou seja, 40% a mais do que em 1940. A população da cidade ascendia a 79.731 habitantes, enquanto as vilas Anil e Ribamar possuíam respectivamente 8.694 e 5.339 moradores. Atualmente calcula o IBGE em 140.000 habitantes a população da Capital maranhense desde que tenha se mantido o ritmo de crescimento verificado entre 1940 e 1950 (...). Em 1955, suas manufaturas estavam produzindo mercadorias no valor aproximado de 600 milhões de cruzeiros.”

(São Luís, 10 de novembro de 1957 - Jornal do Maranhão).

A Rua do Passeio será inaugurada hoje

“Incontestavelmente o Dr. Antônio Bayma, digno prefeito municipal da capital tem demonstrado excepcional operosidade. Dispondo de poucos recursos financeiros, nada obstante, empreende serviços públicos importantíssimos. Melhoramentos em diversas vias urbanas, abertura, conservação e limpeza de rodagem na ilha, construção de edifícios públicos – tudo tem feito Antônio Bayma, a bem da coletividade.”

(São Luís, 12 de janeiro de 1935 - Jornal Tribuna).

Hospital Presidente Dutra

“As obras de construção desse suntuoso edifício tiveram início no governo do Marechal Eurico Gaspar Dutra, sendo presidente do IAPC, o Dr. Remy Archer da Silva, atual suplente do senador Sebastião Archer, que, à época dirigia os destinos do poder executivo em nossa terra. Tecnicamente o Hospital do IAPC era uma obra magistral que satisfaz todas as exigências da moderna técnica arquitetônica, tendo sido construído dentro de todo rigorismo da engenharia atual, mediante todo escrúpulo profissional necessário à edificação de uma obra do gênero.”

(São Luís, 29 janeiro de 1958 - Jornal A Tarde).

Bairro pobre da capital terá moderno santuário

“As fotos dessa reportagem chamam a atenção do leitor para três pontos dignos de serem demoradamente encarados: 1) A planta original, de bela estética em estilo moderno, idealizada e desenhada pelo talentoso Sr. Júlio Gomes, a quem está confiada a construção do templo. (...) 3) Em razão desta pobreza contrastante com o estilo de construção milionária, levou os dirigentes da obra a sentirem a necessidade de simplificação da planta primitiva, sem quebrar, entretanto, o sentido moderno de suas linhas centrais.”

(São Luís, 19 de fevereiro de 1961 - Jornal do Maranhão).

Edifício sede da delegacia do IAPI

“Já está sendo exposta na Praça João Lisboa a imponente maquete do edifício sede da delegacia regional do Instituto de Aposentados e Pensão Industrial (IAPI). Trata-se de uma construção das mais arrojadas de 13 andares. Será o primeiro arranha-céu maranhense. As obras que estão em adiantamento na Av. Pedro II, deverão estar concluídas até o ano vindouro, segundo informações prestadas à imprensa pelo delegado Belfort.”

(São Luís, 29 de janeiro de 1958 – Jornal A Tarde).

Iniciada a construção da sede do DNER

“Ao que colheu nossa reportagem junto a funcionários do 15º Distrito Rodoviário em nossa terra, já foram iniciados os trabalhos de construção da sede da referida repartição. A admirável maquete do magnífico bloco (...), está exposta numa das pendências do 15º Distrito à Rua Coronel Colares Moreira, podendo ser admirada as linhas magistrais do novo prédio, que muito embelezará nossa cidade. O 15º Distrito Rodoviário será erguido em terreno fronteiro à Estação Ferroviária, no início da Rua Muller Jansen. Segundo colhemos ainda, seu término está previsto para o próximo ano de 1958, em dezembro. A iniciativa dessa construção é do Dr. Fernando Xavier de Souza.”

(São Luís, 12 de novembro de 1957 – Jornal A Tarde).

Prédio dos Correios e Telégrafos

“Segundo constatou-nos, o novo prédio ainda terá que soffrer algumas adaptações e parece que sua installação não será para já, pois falta-lhe o mobiliário. Além disso há o facto de ter ficado a parte destinada aos serviços postaes sem a necessária amplitude para a distribuição dos diversos misteres dessa parte. As dependências destinadas para esse fim recentem-se de conforto e não tem o espaço necessário, que irá causar embarços. A sala por exemplo destinada a conferência de malas não tem a capacidade para contê-las, pois já é grande o número que semanalmente dá entrada aqui, quando deveria ter sido feita em maiores dimensões. O “hall” pequeno sem o espaço necessário para bem servir o público. Parece assim não ter havido uma perfeita fiscalização quanto as adaptações da parte postal, porquanto a parte telegraphica não exige grandes acommodações enquanto que a postal o exige, pela complexidade e natureza dos seus próprios serviços. Tanto assim que foi necessário, segundo soubemos, a adaptação do prédio contíguo que se destinará a servir de depósito de materiaes em vista de não haver no prédio capacidade para tal fim.”

(São Luís, 15 de setembro de 1936 – Jornal Diário do Povo).

Ampliação da sede do DCT

O público e os funcionários sabem perfeitamente que o mesmo é atualmente pequeno para comportar todas as seções e atender a quantos procuram nossos diversos serviços. (...). Já entrei em contato com o engenheiro Edson Rodrigues e, se Deus quiser, a ampliação do prédio do DCT será o alicerce da minha direção.”

(Lourival de Jesus Dourado, novo diretor do DCT, para o jornal “A Tarde”, em 28 de novembro de 1957, p.08).

“Quanto à parte do meu projeto de ampliação do edifício sede da D.R. no Maranhão quero frizar que no mencionado projeto foram destacadas áreas suficientes para todos setores internos e os guichês ampliados, sem perda de tempo e congestão de filas. (...). A fachada do prédio obedecerá à linhas arquitetônicas modernas.”

(Edson Rodrigues, engenheiro, sobre o DCT, para o jornal “A Tarde”, em 28 de novembro de 1957).

Gostamos de fanáticos e velharias

“Esse particular apego ao mofo borolento do passado, aos sobrados velhos com ratos e baratas é um dos responsáveis pela nossa submissão às nações tecnicamente desenvolvidas. Por isso em nosso meio, domina o fanático em vez do sábio e a religião não é apenas um complemento à formação da moral, mas única finalidade na vida.”

(Colunista Armando Lima para o Jornal Pequeno, em 25 de julho de 1960).

Sede do Centro SESC – SENAC

“Acontecimento digno de nota, ocorreu em 30 de outubro último, com o lançamento da pedra fundamental do edifício sede do Centro SESC – SENAC (...). O Dr. Prefeito Municipal de São Luís usando da palavra, acentuou a sua satisfação em colaborar com o SESC e com a cidade que seria enriquecida com um belíssimo edifício de linhas modernas.”

(São Luís, 25 de dezembro de 1957 – Jornal do Maranhão)..

Depois de 21 anos encontro São Luís progressista e movimentada

“São Luís – senti isso ao primeiro contato visual quando o avião em que viajei ainda sobrevoava o seu casario, tomando posição para aterrar no Tirirical – vai perdendo o aspecto tradicional de cidade multi-centenária. (...) O aeroporto, claro, limpo, funcional, bem-cuidado, agrada e satisfaz. É uma pré-amostra do que irá ver depois quando o auto começa a deslizar sobre o asfalto a caminho do centro. Os velhos prédios, contemporâneos da Colônia, já não superam, em quantidade, como outrora, as residências modernas, de linhas arquitetônicas audazes e não raro extravagantes.

São Luís moderniza-se. E já se apresenta movimentada, borborinhante, no intenso ir e vir de seus transeuntes apressados, nos bondes e ônibus superlotados, dos táxis velozes, das casas de negócios repletas de compradores.”

(Orlando de Moraes, jornalista no Rio de Janeiro, em 22 de outubro de 1961 para o jornal Diário da Manhã).

ANEXO M - Será construído em São Luís o mais moderno e completo cinema.

Será construído em São Luís o mais moderno e completo cinema.

“O Diário da Manhã (...) rumou ontem para a Travessa Godofredo Vianna, 123- A., onde se encontra instalado o escritório do Cine Teatro São Luís, afim de entrevistar o Sr. José Abrahão Duailibe sobre o que será essa monumental obra que brevemente ergue-se-á em nossa capital preenchendo uma lacuna a tanto existente.

Não vai longe a inauguração do Cine Monte Castelo, encravado em um dos bairros mais populosos da cidade, o qual em servindo milhares e milhares de pessoas. (...). Faz-se mister nessa reportagem que os habitantes do centro de São Luís pagam 300 cruzeiros por um contrato de automóvel somente para assistirem película no cine Monte Castelo, entretanto, poucos meses nos distanciam da inauguração da imponente casa de espetáculos que surgirá bem na Rua Nina Rodrigues, 241, onde hoje se encontra instalada a delegacia do IAPC.

Entrevista com o administrador do empreendimento, Sr. Duailibe:

DM – Em quanto está orçada a obra?

JD – Com todos requisitos do modernismo e da técnica cinematográfica inclusive luz própria. Ficará o cinema concluído por mais ou menos 70 milhões de cruzeiros.

DM – Quando pretende iniciar as obras?

JD – Em janeiro de 1962.

DM – Qual a construtora que se encarregará da obra?

JD – Solicitamos a Construtora Caiçara Ltda.

DM – Qual o prazo previsto para conclusão da obra?

JD – Muito embora a empresa construtora não tenha dado oficialmente o prazo, porém nos garantiu o término em 15 meses.”

(São Luís, 26 de outubro de 1961 – Jornal Diário da Manhã).

DNER –MA prepara a expansão da cidade

“A construção da ponte rodoviária sobre o rio Anil, vem marcar uma fase decisiva na evolução de São Luiz. O que a grande obra d’arte representa para a nossa capital, patenteia-se na simples avaliação da moderna cidade que nascerá na outra margem do rio, na área conquistada pela referida ponte. Por sua feição topográfica e pela proximidade do centro urbano, por sua excelente praia, a nova área poderá reunir três aspectos urbanos da expansão de São Luiz: 1º) O aspecto residencial de alta categoria, juntamente com a finalidade balneária e a intensificação do esporte aquático. 2º) O aspecto da ampliação da zona comercial e bancária da cidade. Estes dois aspectos como que dividiram toda essa área reservando a orla da fronteira à Beira Mar para a última parte (comercial e bancária). E ficando a orla praieira para que nela surja uma Copacabana muito mais apurada, por isso que deve ser planejada com técnica inteiramente atual e isenta de erros.

(...) No Plano de Avenidas e Estradas para São Luiz, o Engenheiro Ruy Ribeiro de Mesquita prevê o desenvolvimento rápido de uma cidade na Ponta de São Francisco, nas condições idealizadas pelos arquitetos e projetistas modernos: - uma cidade que, em vez de crescer verticalmente, expandir-se-á em sentido horizontal, com árvores, grama e folhagem.”

(São Luís, 1 de janeiro de 1959 – Jornal Diário da Manhã).

Construtora Caiçara Ltda. dá Dimensão Moderna à S. Luís

“O edifício do IAPI é uma demonstração da capacidade da empresa construtora que está servindo as grandes cidades do Nordeste. (...) S. Luís, em meio aos sobradões coloniais oferece agora uma dimensão arquitetônica moderna, a quem à visita. E nessa dimensão se sobressai o grande edifício do IAPI, que está sendo construído dentro de um prazo mínimo pela Construtora Caiçara Ltda., e que tem como sócios os arquitetos João Batista Romey e Tarcísio Ferreira. Este edifício é o mais alto que temos no Estado e obedece um projeto admirável, que vem sendo executado com a máxima eficiência pela “Caiçara”. O edifício modelar mede 42 metros de altura com 20x30. Possui 11 pavimentos pela Avenida D. Pedro II e 13 pela Rua Cândido Mendes. É todo revestido de pastilhas, com esquadrias externas de alumínio anodizado e soleiras e peitoris de mármore. Os pilotis são revestidos de granito apicoado. O engenheiro auxiliar da obra é Dr. Eduardo Tôrres Lopes e à frente do escritório, como chefe, se encontra o Dr. Samuel Dória. O anúncio da construção foi a 17 de dezembro de 1957, há pouco mais de um ano, portanto seu término está marcado para este para este mês de fevereiro”

(São Luís, 3 de fevereiro de 1959 – Jornal Diário da Manhã).

Colocação da cumieira do Hospital Presidente Dutra

“Será levada a efeito, hoje, às 8 horas, a cerimônia de colocação da cumieira do Hospital Presidente Dutra. (...). Ontem, a construção foi visitada por 10 engenheiros de uma turma de 28, que se encontra em trânsito por São Luz. Esses jovens, que são alunos da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, chefiados pelo Dr. Roberto Roperto, tiveram ótima impressão do Hospital Presidente Dutra, confessando-se empolgados com a notável arquitetura da mencionada casa de saúde, obedecendo a mais moderna técnica hospitalar.”

(São Luís, 29 de julho de 1950 – Jornal O Imparcial).

Terão início hoje as obras de construção do edifício-sede do Centro Sesc- Senac.

“Assinalando a passagem do Presidente da República, Dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira, terão início hoje às 9 horas, as obras do majestoso edifício sede do Centro Sesc – Senac, magnífica realização do Serviço Social do Comércio – SESC – e do Serviço Nacional de Aprendizagem – SENAC – em favor dos comerciários e suas famílias. (...).

A construção do magnífico edifício que terá três pavimentos, estará a cargo da Construtora Ecra Limitada, de Fortaleza, vencedora da concorrência, tendo como técnico responsável o Dr. Tarcísio Ferreira e como engenheiro fiscal da parte do Sesc, o Dr. Almir de Aguiar Marques.

O novo edifício, terá no pavimento térreo, recreação para adultos e crianças, moderno parque infantil em volta; no primeiro pavimento funcionarão os Cursos do Senac e no segundo pavimento os Cursos do Sesc, e a administração.”

(São Luís, 18 de janeiro de 1958 – Jornal O Imparcial).

São Luís – Expansão e descentralização do tráfego

“(…) Atualmente possui uma única entrada e saída da cidade através do chamado Caminho Grande. À medida que a cidade cresce para os subúrbios e abrem-se novas rodovias no interior do Estado, aumentam as dificuldades para o tráfego.

A parte central de São Luís está limitada. Nestas condições ou a cidade cresce em sentido vertical ou se expande pelas áreas marginais até agora não são aproveitadas.

Apresentando-se a parte central da cidade com ruas estreitas e topografia acidentada, de difícil circulação para o tráfego, o crescimento em altura deve ser evitado para não provocar congestionamento, confusões, insegurança e conseqüentemente desvalorização dos imóveis.

O crescimento em expansão, com a finalidade de descentralizar a cidade, e, por conseguinte a circulação de veículos, é o mais recomendado e é o ilimitado. É interessante observar que com a descentralização da cidade haverá uma maior concentração de atividades com o aumento da velocidade dos veículos, dando ao mesmo tempo, à São Luz, vida, beleza e proporções de uma grande metrópole.”

(Artigo de Ruy Ribeiro para o Jornal “O Imparcial” em contribuição à 1ª Semana do Trânsito, em 6 de julho de 1958).

Ajudem nossa capital

“São Luís, apesar de seu aspecto colonial, com ruas tortuosas e velhos sobrados, é uma cidade que se moderniza aos poucos, oferecendo-nos, através de novos edifícios e outros empreendimentos, um panorama alegre e encantador.

Capital antiga, tendo suas raízes num passado brilhante, do qual muito se orgulha, ainda assim ela procura enfeitar-se, mudar a velha roupagem, de maneira que apareça mais louçã aos nossos olhos e de quem nos visita.

Não podemos negar, e se negarmos incorreremos numa injustiça, que a nossa cidade vem integrando-se ao progresso, já nas suas linhas arquitetônicas, já também, nos seus logradouros, como sejam a Av. Comandante Magalhães de Almeida e a Av. D. Pedro II, onde há ótimas construções, sendo que na última divisamos um belo viaduto.

São Luís é hoje uma capital cujo progresso contrasta fortemente com seu casario colonial. Dispomos de ruas amplas, além de bonitos bairros residenciais.

Ressentimo-nos, entretanto, da iniciativa privada, da ajuda particular de quantos, enfim, pela situação financeira que desfrutam podem e devem contribuir para o desenvolvimento do solo maranhense.

A exemplo de outros Estados em que corre paralelo ao governo a cooperação dos homens de fortuna para o progresso do lugar, o Maranhão carece, para a sua prosperidade e embelezamento da Capital, do apoio de cidadãos bem-intencionados”.

(Coluna de Carlos Cardoso para o Jornal Diário da Manhã em 29 de maio de 1958).